



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV JACOBINA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOSIANE BARBOSA DE ARAÚJO

A REPRESENTAÇÃO DO SERTÃO EM *SEARA VERMELHA*

JACOBINA
2012

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- DCH IV- JACOBINA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOSIANE BARBOSA DE ARAÚJO

A REPRESENTAÇÃO DO SERTÃO EM *SEARA VERMELHA*

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof^a. Ms. Joseane Bispo Oliveira Marques

**JACOBINA
2012**

JOSIANE BARBOSA DE ARAÚJO

A REPRESENTAÇÃO DO SERTÃO EM *SEARA VERMELHA*

Jacobina____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Joseane Bispo Oliveira Marques
(Orientadora)

Prof.^o. Ms. Jeedean Gomes Leite

Prof.^a Esp. Geysa Andrade da Silva

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me abençoar nessa jornada. Por nunca me deixar desistir dos meus objetivos. Por me auxiliar nas minhas escolhas e iluminar meus caminhos.

A Vocês, meus pais, pelo apoio incondicional em toda a minha formação. Pela educação da qual nunca me privaram. Por estarem sempre a meu lado em todos os momentos. Obrigada por terem me fornecido as condições necessárias para me tornar o que sou. Vocês são os responsáveis pela minha formação como ser humano.

Aos meus irmãos, que mesmo de longe sempre me transmitiram força. Obrigado a vocês pelo infinito amor fraterno.

À minha orientadora, Prof^a Ms. Joseane Bispo Oliveira Marques, um agradecimento especial, pela confiança em mim depositada. Pela competência e atenção no decorrer da elaboração dessa pesquisa.

Meus agradecimentos a todos os meus amigos, dentro e fora da Universidade do Estado da Bahia Campus IV, com os quais construí grandes amizades. A presença e a força de vocês foram gratificantes para mim. Agradeço pela força, apoio e carinho. Vocês me proporcionaram inesquecíveis momentos de alegria e amizade.

Obrigado a todos e todas que contribuíam para a realização desse trabalho. Sou o resultado da confiança e força de cada um de vocês.

“A literatura, portanto fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizara”
(SEVCENKO, 1999, p.21).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as representações do sertão na obra *Seara Vermelha* do escritor baiano Jorge Amado. O trabalho abrange acerca das concepções de sertão a partir do discurso regionalista, bem como sobre o homem sertanejo, considerando que ambos estão diretamente interligados. Para tanto, apresenta-se uma contextualização política, social e econômica do período, qual seja, a Primeira República. Sob a tentativa de compreender sobre essa representação, é feita uma abordagem analítica de elementos presentes na obra como latifúndio, migração, cangaço, messianismo, cujo reduto principal foi o sertão nordestino. Através dessa análise é proposto também um diálogo entre História e Literatura, considerando a presente obra uma importante fonte de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Sertão, Representação, Literatura e História.

ABSTRACT

This research, which has the representations of *Sertão* on literature as central theme, aims to perform an analysis of how this space is represented in the work *Seara Vermelha*, by the Bahian writer Jorge Amado. The work covers about conceptions of Sertão design from the regionalist discourse, as well as *Sertão man*, considering that both are directly linked. To this end, it is presented a contextual, social and economic policy of that period, namely the First Republic. Under attempt to understand on this representation, an analytical approach is made of elements present in the work, as latifundia, migration, *cangaço*, messianism, whose main stronghold was the northeastern arid fields. Through this analysis is also proposed a dialogue between History and Literature, considering this work an important source of research.

KEY WORDS: Sertão, Representation, Literature, History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	15
1. O SERTÃO EM SEARA VERMELHA	16
1.1. HISTÓRIA E LITERATURA: RELAÇÕES POSSÍVEIS.....	16
1.2. SERTÃO E O DISCURSO <i>REGIONALISTA</i>	18
1.3. OS SERTANEJOS: VALORES, HONRA, MORALIDADE E VALENTIA	24
CAPÍTULO II.....	35
2. REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE BAIANA: CONTEXTO HISTÓRICO	35
2.1. APRESENTANDO PERSONAGENS	35
2.2. CONJUNTURA SOCIAL E ECONÔMICA.....	39
2.3. CONJUNTURA POLÍTICA.....	41
CAPÍTULO III	50
3. O SERTÃO BAIANO EM SEARA VERMELHA: LATIFÚNDIO, MIGRAÇÃO, E CANGAÇO	50
3.1. LATIFÚNDIO: MONOPÓLIO DE TERRAS NO SERTÃO	52
3.2. O DRAMA DA MIGRAÇÃO	55
3.3. CANGAÇO.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74

INTRODUÇÃO

“A história singulariza-se, no entanto pela relação específica que mantém com a verdade, pois ela tem, de fato, a pretensão de remeter a um passado que realmente existiu.” (SILVA, apud, HARTOG, 2010, p.30).

Essa pesquisa pretende fazer uma discussão sobre a representação do sertão presente na obra *Seara Vermelha* do escritor baiano Jorge Amado, buscando compreender através dos elementos sócio históricos como a migração, o cangaço, a seca e o messianismo, como o discurso-imagético foi construído sobre sertão baiano, transposto pela literatura regionalista. Discurso que já encontrara ressonância desde a publicação da célebre obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha em 1902, no contexto histórico da Primeira República, período marcado pela tentativa de construção de uma identidade formativa para a nação brasileira pós-proclamação.

O sertão representado na literatura é uma temática que inspirou vários escritores que buscaram empreender em suas páginas um espaço tão diversificado tanto geograficamente, quanto socialmente. Janaína Amado (1995), diz que nunca uma categoria esteve tão presente no imaginário do povo brasileiro, especialmente o nordestino como o sertão, visto que está presente em diversas áreas como: literatura, história, cinema, teatro, novelas, dentre outros. Em relação à literatura que aqui assume papel primordial, já que é a fonte principal da presente pesquisa, ou seja, a obra *Seara Vermelha*, o sertão assume um lugar significativo, mais precisamente na literatura regionalista, que se inicia com uma conotação mais romantizada, aquela onde a natureza se sobrepõe como reduto privilegiado nas narrativas como as de José de Alencar. Entretanto, o regionalismo em que o sertão é mais enfaticamente representado, é o regionalismo que se inicia a partir do modernismo, onde as temáticas assumem um realismo mais crítico, buscando representar nas obras os problemas existentes no Brasil nas décadas de 1920 e 1930. Esse regionalismo preocupa-se com a representação do homem, sociologicamente construído, ou seja, ele passa a ser a síntese de tudo em vez das questões da natureza.

A construção histórica e literária da ideia de sertão possibilitou a permanência desse espaço no universo da historiografia e no universo simbólico de intelectuais, os literatos, que buscaram representar o sertão a partir do discurso advindo de diversos

olhares como aqueles oriundos do europeu colonizador e o discurso que partiu do litoral. Como cita Durval Muniz de Albuquerque (2001), o sertão nordestino foi inventado através do discurso imagético-discursivo, tornando-se o espaço da “visibilidade” e da “dizibilidade”.

A referida pesquisa procura contemplar a representação do sertão na literatura brasileira, como um espaço historicamente presente no imaginário da nação, principalmente durante a Primeira República, quando o Brasil era um país agrário, mas que desejava mudar o panorama, visto que estava em voga a propagação ideológica baseada na dicotomia segundo a qual o espaço urbano contrapunha a do rural, ou seja, o sertão. Começa-se, portanto a criação de uma dualidade entre campo e cidade, o discurso do civilizado e incivilizado, moderno e arcaico, etc.

É com a implantação da Primeira República que se começa a pensar em uma identidade para o Brasil, um ideal de nacionalismo que encontra na matriz da formação histórica do país qual seja a mestiçagem, mais evidente no interior, um desejo de “ser brasileiro”. É também o período onde o Brasil busca se modernizar para atingir o pleno progresso. Há um desejo pelo espaço urbano, de características europeizadas. Um país predominantemente rural procura modernizar-se.

É ciente de que a literatura como arte, ligado a imaginação livre de seus autores (digo livre, partindo do pressuposto de que os mesmos não têm compromisso de retratar ou transmitir verdades, já que cabe isso à história), não é representação da realidade, mas busca textualmente compreender os aspectos históricos e sociais. *Seara Vermelha* não é um espelho fiel da realidade, mas é uma narrativa que representa aspectos elementares que fizeram parte de um contexto histórico da sociedade brasileira. Assim considera-se que a obra então escolhida para ver essa representação do sertão e daqueles que o compõem — *Seara Vermelha* — contempla o que afirma Nicolau Sevcenko (1999), de que a literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram, visto que, descrever e analisa acerca da representação do sertão na literatura, como por exemplo, das manifestações acima elencadas, acabam mostrando um mundo que foi a base da formação da nação que hoje conhecemos.

O trabalho estrutura-se em três capítulos. No primeiro capítulo, será feita uma análise acerca das concepções de sertão, compreendendo como essa categoria sempre esteve presente na literatura regionalista, assim como no discurso historiográfico desde

os tempos da colonização, quando viajantes estrangeiros empreendiam viagens de desbravamento por seus vastos territórios. O capítulo também discorrerá sobre o regionalismo, uma vez que *Seara Vermelha* se enquadra nessa vertente literária. Tratará acerca das representações dos sertanejos na obra de Amado, atribuindo uma maior ênfase às questões dos valores da honra, moral e etc, tão significativos na formação sociológica no homem sertanejo.

No segundo capítulo pretende-se apresentar o contexto histórico, político, econômico e social da Bahia na Primeira República, por se acreditar que esse é o período onde há uma maior efervescência das principais manifestações que aqui serão analisadas, haja vista ser, por conseguinte o período inicial da corrente modernista e evidentemente o afloramento do regionalismo nordestino a partir da década de 1930.

O terceiro capítulo trará uma análise de importantes manifestações sócio-políticas nos sertões nordestinos, como o cangaço, o messianismo, a seca e migração, fatos estes que fizeram parte do contexto da Primeira República e que Jorge Amado representa na narrativa de *Seara Vermelha*. Tal capítulo mostra bem a aproximação entre História e Literatura, dado o grau de verossimilhança com a realidade, transposta nas páginas da obra citada.

Na construção do conceito de sertão, serão analisadas no primeiro capítulo *O sertão em Seara Vermelha*, as concepções de Janaína Amado (1995) e Gilmar Arruda (2000). Janaína Amado diz que a categoria sertão se tornou tão significativa e presente tanto na historiografia quanto na própria literatura, e Arruda trata dos discursos dicotômicos entre sertão e litoral na construção das memórias daqueles que habitam os sertões e as cidades. Utilizam-se também discussões de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2001), numa abordagem conceitual sobre regionalismo nordestino e Lígia Chiappini Leite que discorre sobre regionalismo na literatura brasileira.

No segundo capítulo, *Representação da sociedade baiana: contexto histórico* é feita uma discussão sobre as políticas coronelísticas e oligarquias, que serviram para a configuração sócio-política, econômica e social da sociedade baiana durante a Primeira República, tendo como base os estudos de Eul-Soo Pang (1979), Wilson Lins (1998), Maria de Lourdes Mônaco Janotti (1987), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1975) e Consuelo de Novais Sampaio (1998), já que os referidos autores trazem em seus estudos uma discussão acerca da presença do coronelismo e a formação de oligarquias partidárias na Bahia no referido período.

No terceiro capítulo, *O sertão baiano em Seara Vermelha: latifúndio, migração e cangaço*, serão utilizados como sustentação teórica os estudos de Carlos Alberto Dória (1981), Frederico Pernambucano de Melo (2004) e Eric Robsbawm (1970), autores que trabalham com o conceito de *banditismo social*, mais precisamente sobre o cangaço que se manifesta de forma tão efervescente durante a Primeira República. Objetivando apresentar acerca das manifestações do cangaço e do messianismo, utiliza-se também o importante trabalho de Rui Facó (1988), onde o autor de *Cangaceiros e Fanáticos* discorre sobre a origem, lutas e rebeldias praticadas pelos cangaceiros e messiânicos nas caatingas do sertão nordestino.

Além do referencial teórico até aqui apresentado, faremos algumas discussões a partir da obra *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil* de Darcy Ribeiro (1995) que retrata sobre o cangaço e a figura do vaqueiro dos sertões, assim como Stuart Hall (2003) e sua discursão sobre o conceito de identidade, Nelson Werneck Sodré (1964) que discorre também sobre regionalismo.

Já o termo *representação*, tomamos como base os estudos de Roger Chartier (1990) quando afirma que nas décadas de 1950 e 1960, existia no meio historiográfico um discurso de que o saber que a História dispunha deveria ser diferente da narrativa, ou seja, acreditam que o saber inerente das narrativas é um saber voltado para a ficção, do imaginário. Mas com a interdisciplinaridade, e nisso notamos a aproximação entre História e Literatura graças, sobretudo à Nova História Cultural, há o surgimento de novas formas de interrogar e interpretar a realidade, sendo o papel das representações importante.

A literatura representa, pois, uma realidade social através do imaginário de seus autores. Representação que se confunde com a ação da imaginação na medida em “que faz tomar o logro pela verdade, que ostenta os signos visáveis como provas de uma realidade que não o é” (CHARTIER, 1990, p. 22). Considerando assim a colocação de Chartier, ratifica-se que a realidade, vista pela liberdade de expressão que os escritores literários, é construída, ou seja, ele se apropria de determinado objeto e a partir daí tece sua própria visão de mundo.

Os fatos históricos e os discursos literários são formas narrativas de representação de uma realidade. Isso quer dizer que as representações substituem o mundo real. O conceito de representação está ligado ao simbolismo e este por fim participa ativamente sobre o mundo real. De acordo com Chartier,

Pode-se pensar em uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos — ou, por outras palavras, das representações do mundo social— que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. (CHARTIER, 1990, p. 19).

Em relação ao conceito de representação, Sandra Jatahy Pesavento (1998) diz que a aproximação entre história e literatura é dada pela noção de representação:

As representações do mundo social não se medem por critérios de veracidade ou autenticidade, e sim pela capacidade de mobilização que proporcionam ou pela credibilidade que oferecem. Esse endosso de uma representação que contrasta com o real é proporcionada pelo resgate seletivo dos elementos daquele real, reagrupando-os dentro de uma nova escala de significações e atribuindo-lhes um alto grau de seletividade. (PESAVENTO, 1998, p. 20).

Dessa forma, segundo Pesavento, história e literatura apresentam caminhos diversos, mas também convergentes, uma vez que se apresentam como representações do mundo social ou como práticas discursivas significativas que atuam com métodos e fins diferentes¹.

Portanto falar em representação do sertão na literatura suscita pensar que é através das representações que o escritor tem do mundo em que vive, que o próprio vai inventando em seu universo ficcional uma realidade imaginária. A narrativa literária nos permite identificar formas de representação do social, além de auxiliar na compreensão dos fatos sociais e culturais que nos cercam.

A obra aqui estudada, *Seara Vermelha* está compreendida no contexto histórico do pós República Velha, considerando-se sua data de publicação que é de 1946. Faz-se necessário ressaltar, que a ênfase contextual dessa pesquisa é atribuída à Primeira República ou República Velha, pois é o período de maior ressonância das questões referentes ao espaço ao sertão que aqui serão analisadas. Citando por exemplo, as manifestações do cangaço que ocorre com maior frequência nesse espaço de tempo, apesar de o mesmo se estender até a década de 1940, como advoga alguns historiadores e sociólogos, e ter referencia já no Império.

¹ Sandra Jathay Pesavento discute sobre representação utilizando também como base Roger Chartier. Faz essa discussão em seu artigo intitulado *Construção da História e da Literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional*, presente no livro que organiza juntamente com Jacques Leenhardt: *Discurso Histórico e Narrativa Literária*.

Portanto *Seara Vermelha* está fora dos limites cronológicos da Primeira República (1889-1930). Mas é importante enfatizar que a intenção dessa pesquisa não é analisar a representação do sertão na obra de Amado a partir da data de sua publicação (1946), e sim partindo da importância do espaço e tempo em que *Seara Vermelha* nos enseja a pensar: o sertão nordestino, interiorano, rural, agrícola, reduto das mazelas sociais, das práticas coronelísticas, ponto de partida das intensas migrações de famílias nordestinas, que vitimadas por fatores climáticos como a seca e pelos problemas sociais como a degradação humana, empreendem longas e cansativas viagens pelas caatingas dos sertões para o Centro-Oeste do país em busca de melhores condições de subsistência.

Além disso, é necessário lembrar que o escritor tem liberdade para transitar nas diversas temporalidades cronológicas, podendo trabalhar o tempo e espaço de forma que possa contemplar vários contextos, e a Literatura o permite realizar isso, já que a mesma não tem a obrigação ou compromisso com a verdade dos fatos. O próprio Jorge Amado em *Seara Vermelha* trabalha a ideologia política do comunismo num espaço que não é o sertão e sim a região Sudeste do Brasil, precisamente São Paulo, mas agrega ao mesmo, elementos ocorridos em outro espaço, o sertão, ou seja, faz uma aproximação entre as regiões já que as mesmas estão interligadas no decorrer do enredo. Claro que a divisão cronológica serve para compreendermos os acontecimentos no tempo e no espaço, porém, não quer dizer que com o término da Primeira República, o cangaço, as práticas do coronelismo, as secas periódicas e as migrações deixaram de existir. Pelo contrário, ainda existem mesmo que com outras feições. Podemos compreender e analisar, por exemplo, o populismo da era de Getúlio Vargas como uma extensão do coronelismo, ou mesmo o crescimento populacional da região Sudeste como consequência das intensas migrações. Portanto, situados em espaços, tempo e contextos distintos, a verdade é que a literatura sempre foi palco para a representação de muitos espaços, inclusive do sertão.

Jorge Amado situa a narrativa de *Seara Vermelha* (1946) no cenário nordestino na segunda fase do Modernismo Brasileiro, trazendo à tona um regionalismo crítico, de denúncias dos problemas sociais, aliás, uma virtude que buscou representar literalmente uma realidade de predominância de políticas centralizadas numa sociedade marcada pelo atraso. *Seara Vermelha* é o único romance de Jorge Amado em que o escritor retrata o sertão, diferentemente das demais obras, onde Amado discorria no espaço do Recôncavo baiano e a região cacauzeira. O cenário privilegiado de Jorge Amado sempre foi Bahia, palco dos infortúnios, da degradação humana, de vítimas da pobreza

econômica e da exclusão social. *Seara Vermelha* figura como um romance, que trata da temática da seca, do migrante nordestino, das manifestações de revoltas, tão em voga na geração modernista da década de 1930.

Seara Vermelha está assim dividida: na primeira parte do romance está a *seara*, onde a família sertaneja começa um movimento migratório e épico, é a abertura do romance. A segunda parte, *A colheita* finaliza a narrativa. No concernente a essa narrativa, o romance amadiano projeta-se para uma interpretação linear, se pensarmos no contexto no qual foi elaborado, visto que se inicia no campo, abordando vários aspectos da história do Nordeste, da Bahia e do Brasil, ou seja, é um romance que se envereda por vastos campos até chegar ao comunismo. Começa no sertão nordestino e desfecha-se no litoral. Amado faz um percurso pelos “*caminhos do sertão*”, mostrando, através de uma narrativa minuciosa como se davam as relações entre esses três fatores. Assim, a caatinga, o rio e a cidade completam a estrutura espacial do romance. Ainda na segunda parte do livro, é esboçada uma subdivisão, onde o autor narra por partes à trajetória dos irmãos sertanejos, e tomados por inconformismos e ideais de vingança: na primeira parte narra a trajetória de José, que traz o banditismo como vingança, em seguida, João, o soldado de polícia, que mesmo na corporação não se esquece das terras do sertão onde nascera, e por fim Juvêncio, o jovem comunista.

Sendo assim, resguardando as devidas particularidades que cabe à arte literária, tenciona-se aqui analisar e compreender, partindo sempre da percepção de um discurso imagético-discursivo, acerca da representação do sertão na narrativa *Seara Vermelha*, do escritor baiano Jorge Amado e sua relação com o contexto histórico, político, econômico e social durante a Primeira República. É importante ressaltar que uma das maiores pretensões dessa pesquisa, busca principalmente compreender como Amado, que se insere no chamado “escritores-cidadãos”, segundo Nicolau Sevcenko (2001), abre espaço em sua narrativa para dar voz aos sertanejos, fazendo com que, mesmo que em forma de ficção, se coloquem como seres que fazem parte de um contexto social.

CAPÍTULO I

1. O SERTÃO EM SEARA VERMELHA

1.1. HISTÓRIA E LITERATURA: RELAÇÕES POSSÍVEIS

Para traçarmos um panorama geral acerca de como o sertão é representado na obra *Seara Vermelha*, no enquadramento da chamada literatura regionalista é necessário adentrarmos no debate da relação entre a História e a Literatura, buscando discutir as intermediações possíveis e onde essa relação se estreita. Lembrando que já existe uma discussão da questão, principalmente quando se fala em narrativa histórica. De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Junior, a relação entre história e literatura é um dos temas mais debatidos nos últimos anos pelos historiadores. Discursos esses que geram controvérsias já que segundo Albuquerque Junior:

Aos historiadores caberia a abordagem dos fatos e só aos escritores seria permitida a ficção, entendida como invenção dos eventos que narra. A História teria como compromisso a procura da verdade, a Literatura poderia ser fruto da pura imaginação. (ALBUQUERQUE, 2007 p.44)

Assim, esse discurso nos leva a crê num certo antagonismo entre a história e a literatura, entendidas como elos opostos no que diz respeito à questão da narrativa histórica e da ficção. Essa relação, como menciona José D'Assunção Barros (2010), é muito antiga e tem-se intensificado nas décadas recentes. Isso faz com que nem sempre é possível dissociar com nitidez os limites que as separam. A literatura romântica, ou seja, aquela que se ocupa em narrar uma determinada *história*, vai pelo viés da narrativa, a mesma que caracteriza a história dita factual, aquela que busca a verdade, como cita acima Albuquerque.

É um debate antigo e também contemporâneo. Muitos estudos buscam explicar a estreita relação entre as duas vertentes. Enquanto a História ocupa-se em narrar os acontecimentos que envolvem o homem e sua relação com a sociedade, a literatura, entendida como ficção, procura trabalhar os fatos históricos reconstituindo-os pela imaginação criadora do autor. Ai reside talvez críticas historiográficas que entendem

que o papel da ficção é meramente imaginativo, ou seja, representa àquilo que não é verdadeiro, contrapondo, desse modo, a história lidaria com fatos concretos, não sendo resultado da imaginação, tão característico dos escritores. Narrativas ficcionais muitas vezes se apropriam do discurso histórico e trazem a tona questionamentos muito pertinentes à historiografia. Um exemplo é o que se pretende nessa pesquisa, que é buscar de forma reflexiva, analisar como a arte literária faz uso do discurso histórico representando as relações do homem com a sociedade, o objeto da História.

Os romances considerados históricos contribuem para a literatura e para a história na medida em que buscam relacionar fatos históricos e construções ficcionais. Isso mostra-nos que a ligação entre história e literatura está muito além da simples representação. Em relação à essa ambiguidade que une História e Literatura José D'Assunção Barros diz que, ambas sempre mantiveram relações muito próximas, ainda que tênues ou demarcadas conforme as concepções historiográficas ou o gênero de literatura:

Onde termina a História e começa a Literatura? Onde termina a Literatura e penetramos, ainda que indelevelmente, na realidade histórica? As ambiguidades são muitas e se interpenetram: a História, ainda que postule ser uma ciência, é ainda assim um gênero literário; a Literatura, ainda que postule ser uma Arte, está diretamente mergulhada na História: é a história que a constitui enquanto um gênero produzido pelo homem e incontornavelmente inserido na temporalidade; e é ainda da História que a Literatura extrai boa parte de seus materiais – seja da história dos historiadores ou da história vivida, mesmo que esta seja a história anônima, vivida diariamente através dos dramas pessoais que não se tornam públicos. (D'Assunção Barros, p.2).

Os estudos históricos e literários se aproximam, em princípio, pela textualidade, ou seja, todo texto escrito é uma narrativa. A história inova-se, a partir do momento em que mantém uma relação com outras disciplinas, seja ela a Antropologia, a Sociologia ou em especial a Literatura. A literatura enfatiza um requisito de uma aproximação plenamente histórica dos textos, a história atribui à documentação uma importância crucial, ou seja, o que está no campo de visão da história é a questão de contar a história do homem e sua relação com a sociedade a partir dos fatos verificáveis do passado. Há uma importante semelhança entre ambas, que é o uso de discursos.

São muitos os estudos que tentam explicar essa estreita relação, que ganha mais força e visibilidade a partir das inovações trazidas pela Nova História Cultural, o que

permite um diálogo da história com outras disciplinas com a literatura por exemplo. É através do romance histórico que melhor observamos a ambiguidade da relação entre ambos os campos. Essa relação e às vezes distinção entre história e literatura é importante para a compreensão dos modos como os romancistas da década de 1930, se apropriam de uma região, no caso o sertão, cujas características geográficas, históricas, culturais, políticas e socioeconômicas estiveram sempre presente nos debates historiográficos da realidade brasileira.

É importante salientar que a ficção, caracteriza-se por uma relação mediada por um mundo real. Independentemente do grau de ficcionalismo, fantasia ou até mesmo o realismo presente em narrativas literárias, a relação entre história e literatura persiste uma vez que o literato está inserido num mundo em que há a possibilidade de interação entre o real e o ficcional. Partindo dessa afirmação, há narrativas que comportam uma verossimilhança, cujas referências ao real são frequentes, como é o caso da obra que será aqui analisada: *Seara Vermelha*, de Jorge Amado. A relação entre realidade e ficção torna-se mais evidente a partir do momento em que a obra literária busca “inspiração” em uma realidade empírica, pretensamente baseada em fatos que realmente aconteceram.

Enfim, a Literatura utilizada como uma fonte documental para a própria História torna-se pertinente na medida em que abre espaço para a inserção de novos diálogos entre o historiador e seu objeto de pesquisa. Abre caminho também para a valorização de um campo de conhecimento que é a arte literária, por mais que a mesma não trabalhe com questões referenciais à realidade, mas que possibilita uma aproximação, que resulta em uma importante inovação e diversificação dos estudos historiográficos, com a incorporação de novos pensamentos, permitindo dessa forma novas interpretações acerca de acontecimentos históricos.

1.2. SERTÃO E O DISCURSO REGIONALISTA

Há uma tendência nos discursos sobre região, um tratamento da categoria sertão como um espaço não urbano, apresentados geralmente de forma negativa. O espaço geográfico brasileiro conhecido como sertão sempre foi reduto de vários discursos em diversas áreas do conhecimento, principalmente na literatura. Em se tratando da arte literária, poucos espaços estiveram tão presentes nas narrativas como o sertão. Janaína

Amado (1995) já chamara a atenção para a importância dessa categoria para o pensamento e o imaginário na história do Brasil. Assinala que entre os nordestinos, é tão crucial, tão rico de significados, que, sem ele, a própria noção de ‘Nordeste’ se esvazia, carentes de um de seus referenciais essenciais².

Segundo Janaína Amado (1995), o sertão sempre esteve presente desde o século XVI, nos relatos de viajantes e cronistas que adentravam a região. Assim etimologicamente, essa categoria já fora antes utilizada pelos portugueses para designar uma área situada ao longe.

Segundo alguns estudiosos ‘sertão’ ou ‘certão’ seria corruptela de “desertão”; segundo outros, proviria do latim clássico *serere*, *sertanum* (trançado, entrelaçado, embrulhado), *desertum* (desertor, aquele que sai da fileira e da ordem) e *desertanum* (lugar desconhecido para onde foi o desertor).(AMADO, 1995,p. 147).

O sertão herdou desde a colonização portuguesa uma conotação negativa, pejorativa. Espaço vasto, longínquo e incivilizado, distinto do litoral. Mas é esse sertão que irá ser transposto para as páginas da denominada “literatura regionalista”. O sertão, num discurso conceitual sempre esteve envolto num discurso dicotômico em relação ao espaço urbano.

Uma característica do regionalismo e que podemos reportar à literatura está expresso na separação histórica entre o nacional e o regional. Segundo Durval Muniz de Albuquerque Junior em sua obra *A Invenção do Nordeste e outras artes*, essa afirmação é um tanto que discriminatória. Essa separação além de espacial torna-se também uma separação cultural, ou seja, os regionalismos contribuem para a dicotomização existente entre o sertão e o litoral. Afirma que,

A literatura regionalista procura afirmar a brasilidade por meio da diversidade, ou seja, pela manutenção das diferenças peculiares de tipos e personagens; por paisagens sociais e históricas de cada área do país, reduzindo a nação a um simples somatório dessas espacialidades literárias diversas (ALBUQUERQUE, 2001, p.52).

Assim acredita-se que esse regionalismo literário serve como afirmação desta divisão existente no Brasil, fortalecendo o estereótipo de que o sertão nordestino, como

² Ver Amado, Janaina. Região, Sertão, Nação. In: Estudos Históricos. V. 8, nº 15. Rio de Janeiro, 1995, p. 145.

principal pólo opositor ao litoral, passou a ser visto como o reduto da miséria, das rebeldias e da degradação humana ocasionada principalmente por fatores sociais e não somente climáticos. Partindo dessa análise de Albuquerque constata-se que sertão e Nordeste parecem se confundir, dado as concepções representativas vista pela literatura, pelo cinema e outras artes. A literatura, por exemplo, figura no campo das artes como reprodutora da dicotomia entre sertão e litoral, assim como enfatiza os preconceitos e discriminações sobre e pelo povo nordestino e sertanejo.

Ratifica-se, portanto, a ideia de que o sertão nordestino representado na literatura regionalista, como na obra *Seara Vermelha* de Jorge Amado, é resultado de uma construção histórica e imagético-discursiva já vista e assimilada pelo povo brasileiro através dos simbolismos que os portugueses, segundo Janaína Amado, implantaram desde o século XVI, quando iniciaram o processo de colonização.

De acordo com Gilmar Arruda (2000), o processo de conhecimento e significação dos sertões, tem muito haver com o ideal modernizador do recém-proclamado governo republicano brasileiro e com a necessidade sentida na época pelas elites brasileiras de “atualizar” o Brasil ao ritmo das nações européias e dos Estados Unidos. Naquele momento, o primeiro sentimento que o sertão irá despertar na população urbana será o estranhamento comum ao primeiro contato com um mundo até então desconhecido ou, no máximo, conhecido através do folclore e das lendas³. É desse modo que o sertão, ou o lado do Brasil até então desconhecido, vai sendo caracterizado em oposição à cidade, “como um espaço selvagem, bárbaro, inóspito, e seus moradores como rotineiros incivilizados, bárbaros ou mesmo selvagens”. (ARRUDA, 2000, p. 167).

Advoga Gilmar Arruda (2000) que, nesse velho discurso em tratar o espaço “sertão” como atrasado e incivilizado há uma conotação negativa. Arruda busca uma forma de explicar um lado da sociedade brasileira que muito o incomoda: a de dividir o Brasil em espaços simbólicos dicotômicos: o espaço da cidade, pólo avançado da sociedade, e o espaço dos sertões, estigmatizado pelo seu atraso e arcaísmo social e econômico. Em se tratando de sertão na ficção literária, notamos uma contraposição

³ Doutor em História da UNESP Gilmar Arruda, em sua obra *Cidades Sertões*, nos fala da dicotomia existente entre a cidade, vista como civilizada e progressista e os sertões, como reduto do atraso, da incivilidade, barbárie, etc. É uma interessante obra, onde Arruda discorre sobre memória. É através de relatos orais e de memórias que o autor traça um panorama acerca de como os espaços tidos como sertões eram entendidos e representados, analisando elementos simbólicos.

dicotômica, como enfatiza Arruda, entre campo e cidade, representadas por questões relacionadas à migração de povos nordestinos, especialmente sertanejos, que rumam para as cidades (principalmente São Paulo), fugindo da seca e da miséria na qual encontram imersos os sertões da época.

O sertão é o reduto do arcaísmo, o lugar da ação das práticas do clientelismo político e do coronelismo, “do populismo, da violência e onde não há possibilidade de ação política de cidadãos livres e conscientes (...) o Brasil surge, *então* dividido em dois: um, o mundo urbanizado, no qual São Paulo seria o pólo mais avançado, o outro, o mundo dos “grotões”, os “sertões”, representando característica e indistintamente pelas regiões Norte e Nordeste” (ARRUDA, 2000, p.13).

Assim verifica-se nos romances de caráter históricos, essa dicotomia existente entre cidade e sertão. As representações envolvidas no processo de explicação da sociedade brasileira remetem a termos como: civilizado e incivilizado, progresso e atraso, cidade e sertões, cujas representações, como cita Arruda, envolvem uma busca de explicação da realidade da sociedade brasileira e de suas identidades, o que encontramos no contexto representativo das obras de ficção regionalistas brasileiras, especialmente nordestinas, num período da história do Brasil em que buscavam uma unidade nacional, ou seja, uma formação da nação brasileira.

Indissociavelmente ao discurso sobre sertão, está o discurso que se faz sobre regionalismo. Trazendo esse discurso para a literatura, notamos que a questão do regionalismo encontrava-se presente já no “século XIX e início do século XX, *de caráter mais* difuso e provinciano” (ALBUQUERQUE, 2001, p. 40). Sendo assim, o tipo de regionalismo anterior à década de vinte, por exemplo, exprimia uma região que não era pensada sociologicamente, ou seja, os aspectos da natureza prevaleciam. A região não era pensada sob o aspecto social e cultural.

O antigo regionalismo, inscrito no interior da formação discursiva naturalista, considerava as diferenças entre os espaços do país como um reflexo imediato da natureza, do meio e da raça. As variações de clima, de vegetação, de composição racial da população explicavam as diferenças de costumes, hábitos, práticas sociais e políticas. Explicavam a psicologia, enfim dos diferentes tipos regionais. (ALBUQUERQUE, 2001, p. 41).

Ainda de acordo com Durval Muniz de Albuquerque Junior, o tipo de regionalismo que viria a caracterizar o Brasil “seria um regionalismo orgânico, revelador e vitalizador do ‘caráter brasileiro’, que fortalecia a unidade brasileira, formando um povo que seria uma massa uniforme e sem cor” (ALBUQUERQUE, 2001, p. 87).

Assim, para os adeptos do regionalismo como, por exemplo, Gilberto Freyre, autor de *Casa Grande e Senzala* e José Lins, autor de *Fogo Morto* essa corrente representaria a verdadeira essência do Nordeste, do sertanejo, pois não estaria preocupado em descaracterizar ou mesmo desnacionalizar o Brasil, como acreditavam ser a função do modernismo brasileiro da década de 1930, feito para eruditos europeizados. O verdadeiro regionalismo era aquele assumido pelos nordestinos, que segundo Freyre voltava-se contra a colonização cultural do país. Vejamos então que a preocupação de Freyre é que o Brasil torne-se uma área de influência européia, fator esse que viria a descaracterizar a “fisionomia cultural” do país. Lembrando que fala em um contexto em que o país busca modernizar-se, tomando como base os modelos vindos da Europa, especialmente da França⁴. Podemos observar essas ideias com Pereira Passos no Rio de Janeiro e J.J. Seabra em Salvador⁵.

Em artigo sobre regionalismo na literatura Lúcia Chiappini (1995), chama a atenção para o fato de que, na verdade a história do regionalismo sempre surgiu e se desenvolveu em conflito com a modernização, a industrialização e a urbanização, sendo, portanto um fenômeno moderno e, paradoxalmente urbano. É então, uma tese contraposta à ideia de Freyre na elaboração de uma história com caráter uniformemente brasileiro. Assim o país assumiria, através dos ideais vindos da Europa, uma fisionomia distinta da proposta pelo sociólogo⁶.

⁴ Tomando de exemplo as reformas urbanísticas elaboradas por Haussmann, prefeito de Paris no século XIX, o prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, desenvolveu na cidade uma reforma urbanística, com o intuito de transformá-la em uma grande metrópole civilizada e moderna nos moldes europeus. A exemplo de Pereira Passos, J.J. Seabra empreendeu numerosas e importantes reformas na cidade do Salvador no início do século XX, também num projeto de intervenção urbana. Uma característica comum a Pereira Passos e J.J. Seabra reside na forma como ambos buscaram modernizar as referidas capitais brasileiras, qual seja, a derrubada de construções antigas com o objetivo de alargar avenidas e consequentemente modernizar as cidades.

⁵ O sociólogo Gilberto Freyre presidiu o Centro Regionalista do Nordeste, em Recife, num período que vai de 1925 a 1930. O congresso, que lança em 1926 o Manifesto Regionalista, foi marcado pelo sentimento nacionalista, ou de unificação do Estado nordestino sob os discursos modernistas. Buscava defender os interesses do Nordeste, promovendo conferências, congressos e etc. Editou a revista *O Nordeste*. O regionalismo nordestino, que tem influência nos manifestos, apresenta a partir de 1930 importantes obras e escritores de nossa literatura como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida, Jorge Amado, dentre outros.

⁶ Ver, Chiappini, Lúcia. História e Região. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. Vol.8, N° 15, (1995). Revista de Estudos Históricos, p.155.

Chiappini aponta que:

Regionalismo na literatura, como tema de estudo, constitui um desafio teórico, na medida em que defronta o estudioso com questões das mais candentes da teoria, da crítica e da história literárias, tais como os problemas de valor; da relação entre arte e sociedade; das relações da literatura com as ciências humanas. (CHIAPPINI, 1995, p.156).

A produção regionalista é também um ponto de partida para o conhecimento das variadas características sociais e culturais que viriam a definir o país como nação a partir do local. Partindo desse pressuposto Antônio Cândido diz que,

O nosso nacionalismo foi antes forjado em posições regionalistas. Mas o regionalismo pré-modernista se mostrava, com seu 'conto sertanejo', artificial, pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, encarando com olhos europeus nossas realidades mais típicas. O homem do campo é visto como pitoresco, sentimental, jocoso. (ALBUQUERQUE, *apud*, CÂNDIDO, 2001, p. 52).

Segundo Nelson Werneck Sodré (1964), existe uma diferença entre o regionalismo que se desenvolve a partir do desencadeamento do largo movimento de ideias correspondente no final do século XIX no Brasil. Esse regionalismo, caracterizado como provinciano difere do regionalismo mais generalista que surge em zonas das mais diversas, ou seja, o ambiente não é mais importante, o centro das atenções. O regionalismo entende o indivíduo como síntese do meio⁷. Diz que “o regionalismo literário surge ao mesmo tempo que o regionalismo como processo de interpretação histórica e social da vida brasileira” (SODRÉ, 1964, p.223). O sentido social, a valorização sociológica e cultural do homem são pontos centrais da literatura regionalista e não o homem como síntese da natureza.

Partindo desse apontamento, cumpre ressaltar que há, portanto a necessidade de atentarmos para o fato da existência de um regionalismo literário, aquele que se ocupa da representação das peculiaridades locais e o regionalismo voltado para as questões históricas, mesmo em muitos aspectos, não sendo possível uma dissociação ente ambos

⁷ Ver Sodré, Nelson Werneck. História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

os tipos. Há uma relação entre literatura e ciências humanas na medida em que, a partir da arte literária encontramos a possibilidade de entender determinados fatos históricos.

Como cita Albuquerque Junior:

O Nordeste será representado em práticas que já cartografam lentamente o espaço regional como: 1) o combate à seca; 2) o combate violento ao messianismo e ao cangaço; 3) os conchavos políticos das elites políticas para manutenção de privilégios etc. (ALBUQUERQUE, 2001, p.74).

A partir do momento em que a literatura regionalista retrata o sertão, homem sertanejo e as práticas elencadas acima por Albuquerque Junior, ela está criando um conceito, uma imagem e um discurso àquilo que entendam ou que possam representa-lo. Quando o próprio Jorge Amado, Guimarães Rosa, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e adjacências, esboçam em suas narrativas um panorama sobre tais práticas como a seca, as relações coronelísticas, o cangaço, etc, estão de certa forma imbuídos dessa transmissão representativa de uma sertão, seja ele o baiano de Amado ou o mineiro de Rosa, historicamente construído através dos regionalismos e formado pelo já dito discurso imagético discursivo.

Uma das conclusões a que se pode chegar, é que o regionalismo, seja ele uma forma de representação do urbano ou do meio rural, foi uma das características marcantes de uma literatura preocupada em representar as peculiaridades locais de cada região, elencando elementos naturais, culturais e sócio-históricos. Sociologicamente, pensou acerca da representação do homem nordestino e sertanejo nesses espaços, abordando seus costumes, crenças, religiosidade, etc. Elegeram, por exemplo, o homem sertanejo como um de seus grandes personagens como, o cangaceiro, o supersticioso fanático religioso, todos pensados tanto do ponto de vista ficcional como histórico.

1.3. OS SERTANEJOS: VALORES, HONRA, MORALIDADE E VALENTIA

Euclides da Cunha (1902) afirma em sua celebre obra *Os sertões*, que “o sertanejo é antes de tudo um forte”. Guimarães Rosa em *Grande Sertão: veredas* (1956), que o sertão esta dentro da gente em toda a parte. Assim quando se analisa o sertão e a sua representação na literatura, é primordial atentarmos para seu maior

representante, o homem sertanejo. O sertanejo é pela sua representatividade, o personagem principal do sertão.

O sertanejo sempre foi considerado um ser forte, um sinônimo de “cabra macho”, caráter que pensado pela ideia do determinismo geográfico, ou seja, o homem do sertão consegue sobreviver em meio às adversidades climáticas do seu espaço, o consolida dentro do discurso literário como um personagem de destaque. As figuras do vaqueiro e do cangaceiro apresentam-se como consistentes elementos de investigação histórica e representação literária, especialmente quando se trata de sertão nordestino, pois tiveram relevante papel na formação e consolidação da sociedade brasileira que se formou muito a partir do desbravamento dos sertões interioranos. É, portanto, um tradicional símbolo do sertão nordestino.

Valente, destemido, forte, etc., que o sertanejo é aprestado na literatura, no cinema, na historiografia dentre várias outras artes. Amado descreve em *Seara Vermelha*, esse típico habitante do sertão, das inóspitas caatingas, como o meeiro Gregório, sertanejo residente na fazenda do coronel Aureliano:

Gregório não era de muitas palavras mas poucos como ele para o trabalho. Chegara ali fazia cinco anos, antes fora tropeiro numa outra fazenda. Como aparecera sem parentes nem aderentes corriam diversas histórias sobre seu passado, falavam em mortes, em homens assassinados a faca num barulho, mas era tudo vago e inconsistente (...) A fama de Gregório aumentando, novas valentias e malvadezas incorporando-se às narrações. O próprio Artur tinha-lhe um certo respeito e raramente discutia com ele, tratava-o nas palmas da mão e mais de uma vez lhe oferecera o lugar de ajudante de capataz.(AMADO, 1993, p.37-38).

O personagem Gregório é descrito como um homem sertanejo valente, figurando na narrativa como um ser que merecia uma certa respeitabilidade, assim como Artur que além de capataz, exercia a função de administrador da fazenda do Dr.Aureliano, tinha certa estabilidade econômica o que conferia-lhe uma posição social distinta dos demais sertanejos, devido ao prestígio conseguido junto ao coronel. Aliás, administrador de fazendas, essa era uma função característica nos sertões nordestinos, existente desde o século XVII, ascendendo no século XIX, devido ao criatório bovino nos vastos territórios do nordeste sertanejo.

Cumpria com sua obrigação, apertava os homens no trabalho, apertava os meiros na hora das contas, pagava os preços estipulados, puxava

pela fazenda é bem verdade, mas afinal não era para isso que êle era o capataz? Qualquer outro que estivesse em seu lugar, como agiria? Gozava da confiança do dr. Aureliano, que se deixava ficar no Rio de Janeiro, vindo à fazenda uma vez na vida, e procurara provar ao patrão ser digno dessa confiança.(...) Os meeiros reclamavam, os trabalhadores olhavam-no com olhos cheios de ameaças, mas Artur não se preocupava, costumava dizer que "não tinha medo de caretas".(AMADO,1993,p. 26).

O homem sertanejo, seja na literatura, nos estudos sociológicos, históricos ou mesmo no chamado Cinema Novo, cujo apogeu foi os anos de 1960, sempre foi apontado ou caracterizado como um ser possuído pelo instinto agressivo. Violência encontrada no cangaceiro por exemplo. O sertanejo arquetípico é portanto um homem dotado de bravura, como é o caso do vaqueiro, que naturalmente movido pela defesa da sua honra e da família, pode se transformar em um bandido dos sertões como os próprios personagens de *Seara Vermelha*, Zé Trevoada e Lucas Arvoredo, ou então, como homens pobres e fanáticos como o beato Estêvão. Esses sertanejos encontram na violência e no misticismo religioso formas de luta contra as intempéries climáticas e o abandono social, tornando-se personagens de uma cenário que os faz uniformemente seres do sertão.

A assimilação da idéia de sertão contraposta à de litoral encontra ressonância muitas vezes na construção simbólica e identitária que se faz do homem sertanejo e não somente o espaço físico em que ele é originário. E essa ideia foi e é construída pela literatura e pela historiografia que servem como mediadoras dessa construção, que em muito é mediada pelo olhar do outro, ou seja, daquele que não faz parte do cenário sócio- histórico mais atribui um significado ao mesmo. Sobre isso, é interessante a análise de Durval Muniz de Albuquerque Junior (2001) quando advoga que há uma invenção do Nordeste através de um discurso imagético-discursivo tanto geograficamente quanto social. Albuquerque Junior fala de uma “visibilidade” e de uma “dizibilidade”. Como são construções discursivas feitas por intelectuais como os literatos, que buscam a partir desse pressuposto construir suas ideias do real.

Cumprir destacar que é necessário também, entender o sertanejo como um ser sociologicamente construído. Os sertanejos de *Seara Vermelha*, são seres que se caracterizam em muito pelas suas relações e interações com a sociedade, mesmo sendo aquela que os oprime. O sertanejo possui uma identidade, mas essa é construída nas

relações sociais e culturais. Segundo Stuart Hall, ao tratar sobre identidade e cultura na pós-modernidade⁸,

(...)A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. A identidade então, costura(ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito a estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (...) É definida historicamente, e não biologicamente.(HALL, 2006,p.12-13).

Outro aspecto que demonstra bem o caráter do homem sertanejo é sua relação com a religiosidade. Presente na obra de Jorge Amado, como uma manifestação de resistência, o messianismo é a representação desse aspecto religioso. Estabelece dessa forma um discurso de misticismo-religioso, muitas vezes interpretado — sempre atentando para o conceito — como um movimento desencadeado por bando de fanáticos, proliferados especialmente nos sertões nordestinos, considerando- se uma área de existência de grandes problemas de cunho social, político-econômico e cultural. A forte presença da religiosidade seria então comum ao sertão e aos sertanejos. Os vestígios do messianismo estão explícitos na obra de Amado como uma forma de reforçar o caráter social e cultural do sertão.

A questão da religiosidade popular sempre fez e continua ainda hoje, mesmo com outras feições, fazendo parte do imaginário do povo sertanejo. É recorrente em *Seara Vermelha*, as menções ao fanatismo religioso e sua relação com o fenômeno do cangaço, duas manifestações que caminham juntas no universo sertanejo. Ao longo da narrativa é possível compreender que a religiosidade popular vigente, ou seja, o messianismo pregado pelo então beato Estêvão, é um alento para as classes sociais oprimidas, exploradas, reféns de uma ordem estabelecida. Como assegura Rui Facó (1988) em sua obra *Cangaceiros e Fanáticos: gêneses de lutas*, uma das formas de rebelar-se nos sertões contra um sistema opressor era por meio dessas manifestações: o cangaço e o messianismo, ou até mesmo o comunismo, também representado na obra, visto que o povo sertanejo, desprovidos de uma consciência prévia de classe, sustenta no cangaço e no messianismo a convicção de um caminho à resistência.

O messianismo é outro fenômeno, que assim, como o coronelismo foi uma prática que está intrinsecamente relacionado ao cangaço. Essa outra expressão

⁸ Stuart Hall trata de três concepções de identidade que definem o sujeito. Distingue o sujeito do *Iluminismo*, o sujeito *sociológico* e o sujeito *pós-moderno*.

característica do mundo sertanejo encontra-se em grande destaque em *Seara Vermelha*, na forma expressiva de *fanatismo* religioso, representada pelo beato Estêvão, uma espécie de Antônio Conselheiro amadiano.

Assim os descreve Amado:

E aqui surgem, no coração seco da caatinga, os beatos mais famosos, aqueles que arrastam multidão dramática no seu passo, enchendo o sertão de orações estranhas, de ritos supersticiosos, anunciando pela boca repleta de profecias o fim do mundo e do sofrimento dos camponeses. Na caatinga habitaram Lucas da Feira, Antônio Silvino, Corisco e Lampião, hoje habita Lucas Arvoredado com seus jagunços. Na caatinga surgiram Antônio Conselheiro e o beato Lourenço. Do mais distante do deserto surge agora, com as mesmas alucinadas palavras de profecias, o beato Estêvão. (AMADO, 1993, p.60).

Acresce-se que essa expressão de fanatismo religioso é assim como o cangaço, resultante do estado de penúria do homem sertanejo. Massas desesperadas que encontraram na religiosidade o caminho para o misticismo militante, aquele voltado para a “salvação” das massas despossuídas.

O beato Estêvão de Seara Vermelha em muito se assemelha com o grande “messias” do sertão baiano, Antônio Conselheiro. É no romance amadiano representado como um profeta salvador, responsável por reintegrar à massa de séquitos, ou, seja, o povo sertanejo, no mundo onde impera a dignidade e dar-lhes os bens espoliados pelo poder opressor. Enquadra-se num cenário onde residem os grandes heróis míticos do mundo sertanejo.

É mister enfatizar que o beato Estêvão figura em *Seara Vermelha* como um herói atípico dos sertões, assim como os cangaceiros e os militantes. Heroísmo esse sustentado em muito, pelos seus séquitos, ou seja, sua importância como um homem divino e subversivo é fortalecida justamente a partir do momento em que seus seguidores, ávidos de esperanças em uma região que os desagrega como humanos, encontram em suas pregações um caminho para a “salvação”, para uma vida mais igualitária. Aliás, cumpre destacar o papel de destaque que Amado atribui ao militante comunista Juvêncio, o “Nenén”, visto como um herói que salvaria seu povo através do engajamento com as ideias socialistas⁹.

⁹ O tema do comunismo-socialismo é um dos eixos centrais de *Seara Vermelha*. A narrativa não representa somente fatores como a seca, o cangaço, a questão fundiária, assim como a migração, buscou, e esse talvez seja a grande intenção de Jorge Amado, retratar com um o uso do discurso literário, a ideologia do comunismo, tão em voga no período histórico da história do Brasil e do mundo, no *breve*

Mas uma vez Jorge Amado ocupa em suas páginas de *Seara Vermelha* um fator de ordem sociocultural de forte presença no cenário contextual do Brasil pós advento da República. Num sertão devassado, onde o coronelismo centraliza-se, torna-se um fator preponderante esse surgimento das massas do campo incandescidas, lideradas por um líder “carismático” do tipo beato Estêvão, sempre mantendo uma relação recíproca com o bando de cangaceiros na luta pelas mesmas causas:

Chamava-se Estêvão, mas todos o tratavam de beato Estêvão, os peregrinos usavam a voz carinhosa de “meu pai”. Curvavam-se a cabeça para receber sua bênção quando ele passava, a mão levantada, as palavras quase inaudíveis. Sua bênção era milagrosa, curava doenças, cicatrizes feridas, evitava pragas nas plantações, moléstias nos animais, expulsava os maus espíritos e fechava o corpo dos homens às mordidas das cobras venenosas e às balas assassinas. (AMADO, 1993, p. 218).

A narrativa de *Seara Vermelha* além de evidenciar a migração de uma família, vítima da degradação social e econômica vivida no sertão, a questão do cangaceirismo, da seca e do messianismo, traz outro elemento significativo no mundo sertanejo, a moral e a honra. São elementos que fazem parte da formação da personalidade do homem sertanejo. É através da personagem Marta que poderemos analisar como Jorge Amado trata da questão de valores, tão importante para o homem do sertão, ou seja, a sua honradez e moralidade.

Os padrões morais também fazem parte do universo sertanejo. Em *Seara Vermelha* isso é visível na personagem Gertrudes, prima de Marta, que mantém uma relação amorosa com outro personagem, Agostinho, filho da velha Jucundina. É um tipo de relação que só se consolidará com o sacramento matrimonial. Amado, dessa forma, traz uma discussão pertinente ao cenário sertanejo, qual seja, moças recatadas e de família precisam casar-se.

Jucundina não dizia nada mas bem reparava que entre Agostinho e Gertrudes havia algum segredo. Dinah também parecia desconfiada e

século XX, como já dissera Eric Hobsbawm. Amado intenciona, além de fazer uma denúncia dos problemas sociais vigentes no sertão nordestino, veicular de forma intencional as ideias do Partido Comunista, transpostas pelo personagem do sertanejo e cabo Juvêncio. O discurso político-ideológico do comunismo que Amado faz em *Seara Vermelha* é merecedor de um estudo analítico mais profundo, porém não abarca essa pesquisa, visto que o foco central da mesma diz respeito às representações do “sertão” na referida obra. Assim, dado à importância desse discurso que Jorge Amado atribui ao comunismo em sua obra, futuramente será possível uma pesquisa acerca de um tema histórico tão importante como a do comunismo-socialismo.

dera para vigiar a filha. Era descuidar-se um pouco e lá estavam os dois caminhando juntos lado a lado, numa conversa comprida (...) Jucundina não estava gostando daquilo. Agostinho não tinha idade para se casar e quanto a Gertrudes era ainda menina. Ao demais casar como, se não tinham sequer um pouso onde descansar, nem de que viver, nem mesmo trabalho? Se ainda estivessem na roça ela não diria nada, a não ser que Gertrudes precisava esperar ainda uns dois anos para pensar em cuidar de filho e de casa.(AMADO, 1993, p. 48).

Assim, na urgência de casarem-se e consequentemente zelar pela honra da moça, o jovem casal decide não seguir na prolongada viagem da família pelo sertão, residindo em uma fazenda e assim consolidar o casamento.

Tudo que desejava era chegar quanto antes a uma cidade, ou a uma fazenda, onde conseguisse trabalho e fosse viver com Gertrudes (...) Agostinho já não pensava em viajar até São Paulo. Em fazendas por onde passavam ofereciam-lhe trabalho, muito mal pago, é verdade, mas êle estava por tudo desde que pudesse ficar com Gertrudes.(AMADO,1993,p.50).

Marta é filha de Jerônimo e Jucundina, e durante a viagem da família pelo sertão mostra-se bastante dedicada a todos, principalmente no trato com as crianças, a pequena Noca e o menino Tonho.

Marta conservava-se mais calma, era ela quem aparava os choques, quem ainda tinha cabeça para atender os meninos — o pequenininho cada vez mais fraco. Tonho com uma tosse seca, "tosse de cachorro", como classificava Jucundina.(AMADO,1993, p.50-51).

Moça que fora educada de acordo com os valores morais, tão rígidos no sertão, especialmente no meio rural, Marta se torna, em decorrência das misérias sofridas com a migração, vítima da prostituição.

E Marta tomou o caminho do cabaré e da rua de prostitutas. Como era nova por ali, apareceu uma freguesia grande (...). Marta emagrecera e agora pintava a cara e os lábios, fizera dois vestidos e comprara uns sapatos. (AMADO, 1993, p.173).

A mudança a que Marta se viu obrigada a se submeter, ou seja, a se prostituir acontece a partir do momento em que ela é seduzida pelo Dr. Epaminondas, um médico responsável pelo atendimento aos migrantes, antes de partirem para São Paulo. Todos os migrantes deveriam passar por exames médicos antes de embarcarem no trem para as

fazendas de café. Era um pré-requisito, um atestado de saúde, sem ele não tinham a mínima condição de embarcarem. O médico então vale-se dessa prerrogativa para prender a família de Jerônimo na cidade de Pirapora, com o intuito de seduzir a jovem e recatada Marta. Assim reflete-se que o médico dispõe de uma falta de escrúpulos, muito cara e valiosa para o homem sertanejo.

A condição de prostituta a qual Marta é submetida é consequência da determinação social e econômica a qual passara juntamente com a família, desde a residência na fazenda do coronel Aureliano, da viagem interminável pelo inóspito sertão até sua chegada à cidade. A condição de miséria atrelada na injustiça social, assim como sua inferioridade social favoreceu de certa forma, a entrada da jovem sertaneja no mundo da prostituição. Dessa forma é importante atentarmos para o fato de que a narrativa de *Seara Vermelha* nos induz a pensar a prostituição não somente como um problema social, decorrente da falta de assistência sócio-econômica sofrida pela família de migrantes, mas também pode nos conduzir a reflexão de como a moral é tão significativa para o homem do sertão. Ao analisarmos o sertanejo que é representado em *Seara Vermelha* notaremos que é possível analisá-lo através da perspectiva sociológica, ou seja, pela marginalização social, mas também pelo ponto de vista discursivo desses elementos formadores do caráter do homem sertanejo.

A moralidade da personagem Marta é representada na narrativa de Amado a partir do momento em que se submete às investidas do Dr. Epaminondas, com o pretexto de conseguir a carta de atestado médico para que o pai, Jerônimo pudesse enfim viajar com a família para São Paulo.

Ela compreendia e a princípio quisera fugir, largar tudo e contar a Jucundina. Mas reflectiu e viu que então nada mais restaria aos seus, nem a casa onde viver, nem aqueles quarenta mil-réis que o médico ia-lhe pagar por mês e o mais que ele dava a Tonho para fazer a recados. E, pior que tudo, desapareceu qualquer possibilidade de o pai viajar e, se o pai não fosse, como iriam eles se arranjar em São Paulo? (...). Sabia que, se Jerônimo descobrisse, não havia de querer mais nada com ela e não se enganava quanto a Epaminondas. (AMADO, 1993, p. 170).

O homem sertanejo é o típico de indivíduo que muito preza a questão da moralidade e da honradez. O personagem Jerônimo é um desses homens, fora criado sob valores rígidos, oriundo de uma sociedade patriarcal e tradicionalista e quisera que seus filhos seguissem os mesmos preceitos, mesmo em meio às adversidades. No sertão

tais valores são bastante enraizados nas mentes daqueles que o habitam. Ao sertanejo podem lhes tirar tudo, menos a sua moral e honra.

Jerónimo teve um acesso de raiva quando soube. Se Jucundina não estivesse perto dele era capaz de matar a filha. Caiu em cima dela com um pedaço de tábua:

— Puxa daqui, puta sem-vergonha! Desgraçada! Desgraçada! Eu, um homem velho, e essa desgraçada sujando minha velhice...

Então Jucundina tentou defender Marta. Mas Jerónimo não quis ouvir nada, declarou que nunca mais a desejava ver e proibiu qualquer contacto da família com ela (...). Jerónimo jamais voltara a falar na filha, mas cedo percebeu que o dinheiro com que Jucundina comprava farinha e feijão, açúcar, café e carne seca provinha dela, dos homens que dormiam com ela. Naquela viagem nada o ferira tanto, nada o magoara de tal maneira. (AMADO, 1993, p. 172-173).

A situação adversa em que se encontram esses sertanejos de *Seara Vermelha* é campo propício para a inserção dos esfomeados à variadas formas de sobrevivência que por fim acaba culminando em questões como a moralidade, vista a partir da personagem Marta, assim como da honra, atribuída quanto aos cangaceiros, Lucas Arvoredo e Zé Trevoada, por exemplo. Então a consequência maior é advinda da ruína física e moral que passam durante a viagem pelo sertão, fazendo com que se joguem na mendicância, em roubos, na prática de crimes e na prostituição.

Destaque-se, na análise de *Seara Vermelha*, a noção de honra, tão prezada pelo homem sertanejo, mais especificamente o cangaceiro. Esses típicos sertanejos, em muitas ocasiões entraram para o mundo do banditismo para defender sua honra. Honra essa que defendia através da vingança, como foi o caso do personagem Zé Trevoada, que resolvera vingar-se do coronel que expulsara sua família da fazenda no sertão, assim como seu companheiro de bando Lucas Arvoredo, que buscava através do cangaço “lavar” a honra pela morte do pai.

(...)Puseram fogo na casa-grande, abateram quantas vacas puderam. Zé Trevoada botou fogo nos mandiocais e no milharal que rodeavam sua casa (...). Botou fogo. A casa-grande ardia, Zé Trevoada não estava satisfeito. Mas não tardou a saber que o doutor Aureliano andava por perto, havia estado hospedado na fazenda há dois dias, viera numa comissão do governo. Zé Trevoada conversou com Lucas Arvoredo, combinaram planos, êle partiu sozinho, encontraria o bando num lugar determinado. Atirou em Aureliano naquele mesmo dia mas não tinha certeza se o havia matado (...) Zé Trevoada praguejou. Pensou até ir à cidade, matá-lo mesmo para ser preso mas considerou depois que não valia a pena. Não faltaria ocasião. Nem que tivesse de

voltar todos os anos por aquelas bandas como quem cumpre promessa.(AMADO, 1993,p.209).

O sertanejo não deve guardar ofensa, é um homem valente e destemido, características essas que afirmam sua honra, que não quer ver maculada sem vingar-se. Assim reflete-se que a vingança tornou-se no sertão símbolo da figura do homem sertanejo, vista no cangaceiro sua maior representação contra um desagravo sofrido. Sobre isso Frederico Pernambucano de Melo, cita que “no sertão, quem não se vinga está moralmente morto”(MELO *apud* BARROSO, 2004, p.126).

O historiador Frederico Pernambucano de Melo (2004), que se dedica aos estudos sobre banditismo no Nordeste brasileiro, afirma que muito se tem falado na chamada moral sertaneja, principalmente quando se menciona o papel desempenhado pelos cangaceiros no sertão nordestino, sendo essa uma sociedade onde os valores morais são supremos. Conclui que, talvez melhor que em qualquer outra região, sente-se a existência, *ou mesmo a necessidade*, desse quadro de valores. Não se perdoa o roubo no sertão, havendo, em contraste, grande compreensão para o homicídio. Para o cangaceiro, tomar algo pelas armas é mais honroso que roubar¹⁰.

Em *Seara Vermelha* o patriarca da família de migrantes, Jerônimo, prezara muito a questão da honra e da moralidade. Não aceitava o destino da filha Marta, que se entregara à prostituição, e abominava a possibilidade de ver os seus roubando, mesmo que por necessidade. É, portanto, mais uma percepção do caráter de honra, impregnado nas atitudes de um homem sertanejo.

Foi preciso mandar João Pedro em busca de Tonho, andava sumido pelas ruas da cidade, não havia mais quem o contivesse, quando aparecia para dormir trazia sempre alguns níqueis e coisas roubadas no mercado (...) Tonho já estava entre os moleques, pedindo esmola. Jerônimo dera-lhe uma surra, nunca pensara numa pessoa sua estendendo a mão à caridade pública.(AMADO,1993,p. 125-166).

Sendo assim e em virtude do exposto, ao analisar a obra *Seara Vermelha*, do escritor baiano Jorge Amado, notamos que a presença do sertão e dos “tipos” sertanejos elencados acima é uma construção imagético-discursiva, como já dissera Durval Muniz de Albuquerque Junior. Discurso que encontra respaldo no regionalismo, especialmente

¹⁰ Ver Melo, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*; prefácio de Gilberto Freyre; coordenação Estúdio Sabiá, - São Paulo: A Girafa Editora, 2004, p. 126.

o nordestino, iniciado a partir dos romances da década de trinta. Regionalismo caracterizado por uma dicotomia, que historicamente contrapôs o nacional e o regional, onde sertão e litoral figuram tanto geograficamente como através da literatura numa visão estereotipada, quando representam, por exemplo, um sertão miserável, de clima inóspito e reduto de personagem cujas representações servem para disseminar preconceitos e discriminações.

Os discursos que se faz sobre o sertão nordestino buscam vê-lo como um campo propício das manifestações de revoltas, como o cangaço e o messianismo, e isso não pode ser interpretado como uma inverdade, dado às circunstâncias contextuais em que eclodiram revoltas como a Guerra de Canudos, mas é possível refletir que esse foi um discurso criado por uma instância de poder contraposta a tais formas de manifestações.

O sertão é o espaço, por excelência, onde por muito tempo buscou-se encontrar a essência do que viria a configurar o Brasil como nação, pois muito se acreditava, especialmente pelas obras lançadas com o regionalismo nordestino, que a formação do nacionalismo estava vinculada exatamente nos “tipos” de sertanejos, hora descritos acima. O sertão nordestino, portanto, pode ser entendido como o espaço, analisado por Albuquerque como um ponto de partida da “*dizibilidade*” e “*visibilidade*”, ou seja, de onde emanam todos os discursos imagético-discursivos que serviram para a construção do mesmo.

CAPÍTULO II

2. REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE BAIANA: CONTEXTO HISTÓRICO

A Bahia, desde os tempos de Império se configurou no cenário nacional como uma das grandes províncias da colônia, principalmente do ponto de vista econômico, haja vista, ter sido um dos importantes pólos produtores de cana-de-açúcar e algodão. Como o objetivo principal da presente pesquisa é a representação do sertão baiano na literatura regionalista, é importante traçarmos um panorama acerca das características da sociedade baiana da época, ou seja, analisar os fatores sociais, econômicos e políticos da Primeira República.

Para tanto apresenta-se aqui uma contextualização histórica da Bahia como forma de situar as posteriores análises de representação de elementos como o cangaço, o latifúndio, a migração e o homem sertanejo presentes na literatura. Nesse sentido é necessário posicionar as questões sócio-econômicas e políticas no contexto para entendermos as implicações do mesmo, presente nas obras literárias, assim como descrever os personagens centrais da narrativa de Amado, visto que são os agentes ficcionais que se aproximam em vários aspectos de indivíduos reais, que fizeram de alguma forma, parte desse contexto.

2.1. APRESENTANDO PERSONAGENS

O personagem José, mais conhecido na narrativa pela corruptela¹¹ de Zé Trevoada é representado em *Seara Vermelha*, como um indivíduo que encontra no banditismo uma forma não somente de subversão ao sistema de poder na região em que se encontrava, mas também como meio de vingança. Zé Trevoada é irmão de outros personagens relevantes na obra de Amado, o soldado de polícia João e o comunista Juvêncio, que serão apresentados posteriormente. Zé Trevoada Entrara para o bando de Lucas Arvoredo tornando-se um cangaceiro temido pelas caatingas do sertão.

¹¹ O personagem José, recebe o nome Zé Trevoada “devido aos urros infernais que solta em meio aos combates” (DUARTE, 1996, p. 179).

José, a quem chamavam Zé Trevoada, jogou-se no chão. A bala passou zunindo, na altura de onde estaria sua cabeça se ele não tivesse sido ligeiro. Havia deitado sobre espinheiros mas a roupa de couro protegia seu corpo e, ao demais, já estava acostumado. Fêz pontaria através dos arbustos, não atirou logo, ficou de olho na mira do fuzil. Quando, finalmente, puxou o gatilho, soltou ao mesmo tempo um grito agudo de animal em fúria. Outros gritos partiam através da caatinga, bárbaros e estranhos. Zé Trevoada viu o homem estender-se, as mãos agitando-se no ar, soltando a arma.(AMADO, 1993, p.179).

Chefe do bando de cangaceiros que habitavam a caatinga sertaneja, Lucas Arvoredo é apresentado em *Seara Vermelha*, como um típico bandido dos sertões, se assemelhando ao famoso cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, que entrara para o cangaço para vingar a morte do pai.

Sua fama corria mundo, nunca o haviam conseguido pegar. Uma única vez uma bala o acertou, ferindo-o na coxa, mas agora ele se sentia invulnerável depois que o beato Estêvão fechara seu corpo. Voltara ainda mais feroz desse encontro com o beato em cuja companhia passara quatro dias. (AMADO, 1993, p. 1995).

Outro importante personagem é João ou “Jão”, como é tratado na narrativa. Primogênito filho de Jucundina e Jerônimo e soldado de polícia se ver encarregado de eliminar, juntamente com a força policial, o bando de cangaceiros e o beato Estêvão com seus seguidores. Deixara a fazenda onde residia com a família e outros sertanejos para tornar-se Praça.

Fora o primeiro a partir, abandonar a família e a fazenda, procurando suas melhoras que não via futuro ali, na pequena terra que o pai lavrara e que não era dele sequer. Quando José arribou com Lucas Arvoredo, na noite do ataque à fazenda, ele já era soldado de polícia numa capital distante e só muito tempo depois soube que o irmão partira, mas sem que lhe mandasses dizer qual o seu destino. (AMADO, 1993, p.220-221).

Terceiro filho do casal Jucundina e Jerônimo, Juvêncio “Nenen”, deixa o campo ainda adolescente e vai para a cidade, onde se alista na Polícia Militar e conseqüentemente adere ao comunismo. “Nenen o mais moço dos três, o mais sabido, aquele que os dirigia nos brinquedos” (AMADO, 1993, p.239). Juvêncio é retratado por Amado como um personagem quem tem senso de liderança e consciente da situação de

oprimido em que se encontrava, diferente dos seus outros irmãos, ao apresentar-se como um líder comunista, crítico e que reflete sobre a realidade. É, portanto representado como um líder revolucionário.

O jovem sertanejo que fugira de casa para entrar no grupo de cangaceiros de Lucas Arvoredo aprendia na cidade e se fazia líder de homens revoltados (...) pensava no sertão, nos camponeses, em Lucas Arvoredo e em José, seu irmão, que acompanhara o jagunço. Fora o mesmo impulso de revolta, a mesma sede de justiça que o arrancara da roça. Apenas ele tivera mais sorte e, em vez do grupo de cangaceiros, encontrou o Partido e a direcção justa para a sua rebeldia. (AMADO, 1993, p. 276).

Portanto a narrativa de *Seara Vermelha* trata do personagem Juvêncio como um grande herói comunista e “destemido como poucos”. Toda aquela atmosfera de revolução, característico do Partido a qual fizera parte era o ambiente em que Juvêncio se sentia útil na luta pela “libertação” de seus conterrâneos sertanejos de um sistema de poder opressor.

No *front*, nos três meses que passara lutando, ganhara experiência de alguns anos e, com pouco mais de dezoito anos, sentia-se homem feito, capaz de enfrentar qualquer coisa. Aquela sua instintiva revolta não desaparecera, agora sabia de certas coisas, vivia sempre metido na eterna conspiração de cabos e sargentos de cada batalhão. Insatisfeito sem saber mesmo porque contra tudo e todos. (AMADO, 1993, p. 265).

Jerônimo é o patriarca da família de migrantes. Típico sertanejo, homem simples, trabalha como lavrador nas terras do coronel Inácio e administrada pelo seu filho o Dr. Aureliano. Casado com a velha Jucundina que sempre alimentara a esperança de reencontrar os três filhos que haviam partido da fazenda. “cada um por seu caminho, cada um para uma vida diversa” (AMADO, 1993, p.29).

Representante do poder no sertão, o Dr. Aureliano figura na narrativa como um latifundiário, responsável pelo desencadeamento de todo o drama sofrido pelos migrantes que deixam sua fazenda depois que o mesmo decide vendê-la. É um típico coronel do sertão.

O velho não conhecia outro emprego de capital que terras e quando achara que sua fazenda atingira o tamanho desejado, começara a deixar os lucros nos bancos para render. Aureliano empregara esse

dinheiro logo que o encontrou à sua disposição. E hoje bem mais importantes para ele eram seus negócios no Rio que a fazenda do sertão, distante e quase esquecida.(AMADO,1993,p.52).

A personagem Zefa apresenta-se no romance de Amado como uma pessoa cuja desordem mental prenuncia o desequilíbrio social que culminará na apresentação do messianismo ao longo da narrativa. Ao se afastar do núcleo familiar no momento em que migravam, Zefa se junta aos seguidores do beato Estêvão e sai pregando pelas caatingas do sertão com suas místicas alucinações, sobre o fim do mundo.

Fora, em certo tempo, moça como as outras (...) a mudança começou depois da Santa Missão, quando o coronel Inácio fizera vir um padre capelão para rezar missa, casar e batizar, e pregar para todos os moradores da fazenda. Zefa ouviu os sermões com os olhos abertos, guardando cada palavra — muitas não entendendo — compreendendo que os homens estavam em pecado e o castigo de Deus se aproximava. (AMADO, 1993, p. 48).

Profetizando pelas caatingas do sertão, o beato Estêvão, figura na narrativa de *Seara Vermelha* com um *status* de homem sagrado, representante do poder divino. O beato juntamente com a personagem Zefa, representam o misticismo religioso presente na obra. É através dos discursos apocalípticos proferidos pelo beato Estêvão que Jorge Amado irá delinear caracteristicamente o messianismo, construído no imaginário popular, particularmente no sertão nordestino, onde sua confluência tornou-se mais visível.

Ninguém sabia de onde ele vinha, quem era, quando chegara, nem sua idade, nem seu nome por inteiro. Chamava-se Estêvão, sobrenome não possuía, o seu bordão, que parecia uma cobra cascavel, trazia poeira de muito caminho percorrido, as alparcatas velhas e rotas, o camisu salpicado de lama seca de muitos dias. A barba alva e revolta, não muito densa, descia-lhes sobre o peito, os cabelos cumpridos, brancos também, escorriam sobre o pescoço até o principio das costas. (AMADO, 1993, p. 217).

O beato Estêvão encontra-se na narrativa, ancorado de certa forma, na realidade histórica do fenômeno do fanatismo religioso, que se manifestou no Nordeste do Brasil, em especial nos sertões. O romance representa então um tipo de personagem histórico que surge no cenário sertanejo como verdadeiras lideranças religiosas, como por exemplo, Antônio Conselheiro, o líder canudense, aliás, isso nos leva a pensar que Amado cria o personagem Estêvão à sua “imagem e semelhança”, tanto fisicamente como nas maneiras de profetizar.

2.2. CONJUNTURA SOCIAL E ECONÔMICA

Os aspectos sociais e econômicos são de suma importância para a análise da representação do sertão na literatura, visto que os mesmos estão diretamente relacionados com o latifúndio, a migração e a prática do banditismo, fatores esses, presentes na narrativa *Seara Vermelha* de Jorge Amado e de tantos outros romances regionalistas. Diante disso é necessário atentarmos para a conjuntura, tanto social quanto econômica da Bahia para entendermos como se processou as relações entre a sociedade e o homem sertanejo que a compunha.

Desde os tempos do regime monárquico, a Bahia figurava no cenário nacional como uma das províncias mais privilegiadas do ponto de vista econômico, além de gozar de forte influência nas questões políticas, mas essa posição de destaque decaiu em virtude do advento à República em 1889. Em contrapartida, a mudança de regime ocasionaria o surgimento no Estado de uma elite oligárquica e conseqüentemente, a formação de uma sociedade oligarca-coronelística e regional.

É nessa sociedade de base oligárquica e coronelística que se formará um quadro social onde prevalecerá uma burguesia agro-comercial, classe que segundo Consuelo Novais Sampaio (1998), encontrava-se apoiada no latifúndio, já que seus membros eram conservadores que dominava a política baiana no período da Primeira República¹². Em contraste a essa camada superior, encontrava-se a massa da população baiana. Residentes em sua maior parte, no campo, esse grosso da população vivia em miseráveis condições de vida, trabalhando sob condições de semi-servis ou como assalariados e pequeno agricultor.¹³

Analisando a sociedade baiana na Primeira República, Sampaio cita que “a estrutura social, [até então vigente na Bahia] é obscurecida pela presença de remanescentes da ordem senhorial-escravocrata, característica do Império”. (1998, p.

¹² De acordo com Victor Nunes Leal “o “coronelismo” é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras”(LEAL, 1978, p.20). Assim, a política coronelística oligárquica encontra no coronel sua mais notável expressão de poder local, regional e centralista. O coronel ocupa uma posição de destaque no quadro social, econômico e político que predominou na Primeira República.

¹³ Ver Sampaio, Consuelo Novais. Os Partidos Políticos da Bahia na Primeira República; uma política de acomodação. Salvador. Centro editorial e Didático da UFBA, 1998. (Estudos Baianos), p. 40.

40, *grifo meu*). Assim, a situação nos traz a reflexão de que a condição social na qual se encontravam a maioria da população baiana era decorrente de uma sociedade que se formara sob a base de um sistema escravista e que mais tarde, com a transição da forma de governo, culminará em uma subordinação não só econômica, mais também social, pois, como ainda analisa Consuelo Novais Sampaio,

As formas precedentes de escravidão foram substituídas pela subordinação econômica e submissão pessoal, agravada pelo aprimoramento das relações paternalísticas sob o novo regime republicano. (SAMPAIO, 1998, p. 40).

Essa conjuntura socioeconômica vivida pelas massas do campo resultará no processo de migração, que se tornarão constantes durante o período (essa questão será tratada no terceiro capítulo dessa pesquisa), assim como, se tornará campo propício para as práticas coronelísticas da sociedade oligárquica, já que “a maioria esmagadora da camada inferior da sociedade era constituída de analfabetos e, segundo as regras elitistas do jogo político, estava impedida de manifestar-se politicamente, através do voto” (SAMPAIO, 1998, p. 40).

São essas as feições da sociedade baiana do período da Primeira República, quais sejam, uma elite conservadora e latifundiária, que gozava dos privilégios econômicos e políticos, seguidos pela camada média, que de acordo com Consuelo Novais Sampaio (1998), encontrava-se às margens do processo político e insatisfeitos com o poder oligárquico, mesmo estando no intermédio da sociedade, assim como a maior parte do contingente populacional, essa formada por analfabetos, despossuídos de decisões políticas. Salientando que esse dentre inúmeros fatores contribuíram para manter a oligarquia baiana no poder, visto que as debilidades da população que não sabiam nem ler nem escrever, assim não podiam votar, ocasionou significativamente na manutenção de um poder centralizador, responsável pelas mazelas sociais da população baiana subordinada a um sistema oligárquico, coronelístico, latifundiário, e “tradicionalista”.

Todos esses fatores elencados vão desencadear, por exemplo, direta ou indiretamente, as várias formas de manifestações presente ou oriundas no campo, e que foram representadas pela literatura regionalista como: a migração, a questão

latifundiária e o cangaço, elementos esses presentes na narrativa do escritor baiano Jorge Amado, que será analisada mais profundamente no último capítulo desse trabalho.

Economicamente, a Bahia figurava no cenário nacional em estado contrastante em relação a outros centros do país, como o Centro-Sul, onde o prenúncio era de prosperidade. Neste contexto a região Nordeste do país, mais particularmente a Bahia, que outrora se apresentava como uma das províncias mais importantes na economia, principalmente a açucareira, vê seu prestígio declinar, já que esse quadro de estabilidade econômica perde expressão com a chegada da República.

A base da economia baiana era essencialmente agrícola, produtora de matérias-primas, sendo que a maioria da produção era destinada para o abastecimento interno. Os produtos de maior destaque no período eram o cacau, o fumo e o café, esses destinados para a exportação.

2.3. CONJUNTURA POLÍTICA

As políticas coronelísticas são no contexto histórico da sociedade baiana durante a Primeira República parte integrante das oligarquias latifundiárias que caracterizaram as formas de dominação não só econômica, mas também social, se pensarmos no fato de essa prática está associada às variadas relações de poder centralizante, estabelecidas no período. São vários os historiadores e também sociólogos que explicam o coronelismo e as suas práticas, principalmente o coronelismo presente no sertão baiano, onde tem uma conotação bastante ampla quando se fala em poder e política, especialmente durante a Primeira República¹⁴.

Arranjos políticos, fortalecimento de um poder centralizador, aliados às práticas coronelísticas são fatores que ocasionaram durante a Primeira República brasileira, no caso especial da Bahia, uma oligarquização no estado. Prevalece um sistema latifundiário de dominação, onde os coronéis, integrantes da oligarquia, desempenham importantes papéis no quadro sócio-político e econômico da Bahia, que é o controle das camadas despossuídas, ou seja, do eleitorado rural.

¹⁴ Ressaltando que o coronelismo não é uma prática restrita somente ao sertão baiano, já que o mesmo se manifestou em diversas regiões do Brasil.

Numa política de reciprocidade entre o poder central e os coronéis mandatários regionais, assiste-se no Estado, que nos períodos históricos anteriores, detinha de enorme privilégio tanto econômico como social, o surgimento ou até mesmo um aprofundamento de tensões sociais, existentes no sertão, decorrentes do poder privado de uma minoria. Esse caráter oligárquico e coronelístico irá deflagrar nos sertões várias formas de opressão que servirão de “estopim” para o surgimento de várias manifestações de revolta como o cangaço.

Cumprе assinalar que essa política de compromissos sempre encontrou respaldo na centralização administrativa de poder, predominante desde os tempos de monarquia, encontrando-se mais ativa no período republicano. Diante disso, Maria de Lourdes M. Janotti assinala que permanecendo o Brasil um país essencialmente agrário, a centralização do poder existente no regime monárquico continuou sob nova roupagem, agora estadualista, dirigida por uma burguesia rural e financeira. Dessa forma a República recebe uma nova repartição de poder, onde permaneceram as antigas oligarquias e se introduziram as novas, agora representada por São Paulo, pela composição entre os antigos proprietários de terras, banqueiros e comissários de café.¹⁵

O coronelismo existente no contexto da Bahia desse período caracteriza-se, segundo Eul-Soo Pang pelos “aspectos sócio-políticos do monopólio do poder por parte das classes dominantes e auxiliares, nos regimes monárquico e republicano no Brasil.” (1979, p.20). Num estudo sobre coronelismo e oligarquias na Bahia da Primeira República Pang afirma que,

...O coronelismo é um exercício do poder monopolizante por um coronel cuja legitimidade e aceitação se baseiam em seu *status*, de senhor absoluto, e nele se fortalecem, como elemento dominante nas instituições sociais, econômicas e políticas, tais como as que prevaleceram durante o período de transição de uma nação rural e agrária para uma nação industrial. (PANG, 1979, p. 20).

No caso específico da Bahia Eul- Soo Pang afirma que o fenômeno do coronelismo não se sustentou no latifúndio, mas na ausência de um Estado forte e centralizador no período, o que o favoreceu o desenvolvimento do coronelismo. Segundo o autor de *Coronelismo e oligarquias (1889-1934): a Bahia na Primeira*

¹⁵ Ver Maria de Lourdes M. Janotti. Coronelismo: uma política de compromissos. São Paulo: Brasiliense, 1981. P. 33.

República Brasileira, a base do coronelismo manifesto na Bahia está ligado ao papel econômico e social que possui o coronel. Pang é contra a tese de que a propriedade fundiária foi o elemento central do poder coronelístico. De acordo com ele “na realidade, durante a Primeira República, a posse de terras e os padrões de distribuição, ou títulos de posse, tiveram pouca influência no florescimento do coronelismo” (PANG, 1979, p. 47). Assim a falta de autoridade formal foi a maior responsável pelo florescimento do coronelismo que aliado também a falta de autonomia, principalmente dos municípios, como advoga Janotti, viera a contribuir para a prática desse poder privado nas questões sociais, econômicas e políticas.

Em seu estudo acerca do processo de formação dos partidos políticos na Bahia, Pang, traça um panorama das várias facções oligárquicas que disputaram e estiveram no poder, afirmando que foi o tipo de coronelismo familiocrático que predominou na política coronelística baiana.

Tratando das manifestações da política coronelística no Estado da Bahia, Cid Teixeira chama a atenção para a peculiaridade do coronelismo que vigorou na Chapada Diamantina. Nessa região há uma distinção do coronelismo manifesto nas demais localidades. Segundo Teixeira, tinha o coronel da Chapada Diamantina outra configuração, que era a dificuldade de comunicação, o isolamento, a distancia sociológica, ou melhor, a distância geográfica e social, que fez da região um estado dentro do Estado, decorrente também da falta de comunicação, digamos que com o poder central da capital¹⁶.

Foi nessa região do estado baiano que surge a figura de Horácio de Matos, cuja política segundo Teixeira, não era de antagonismo ou de aproximação com o Estado, e é essa a política que o difere dos demais coronéis do Nordeste do estado.

É um comportamento de chefe-de-estado; ele tratava o governador de igual para igual, trata as autoridades da República como se fosse (e foi de fato) o chefe de um estado encravado dentro do Estado. Estado não reconhecido formalmente, mas nem por isso menos exercitante das prerrogativas de um estado. (TEIXEIRA, 1998, p.38).

¹⁶ Ver LINS, Wilson et al. Coronéis e oligarquias. Salvador, Universidade Federal da Bahia/Ianamá, 1998, p. 37.

Horácio de Matos, assim como outro importante coronel da Chapada, Dias Coelho em Morro do Chapéu, parecem ter desempenhado uma política particular, haja vista como menciona Cid Teixeira, encontrarem-se distantes geograficamente da capital. Isso talvez tenha proporcionado a esses coronéis um maior exercício do poder em suas localidades¹⁷.

Os coronéis desempenharam na época papel relevante no desempenho de funções políticas, como por exemplo, o forte controle de votos do eleitorado urbano, dita-se aqueles residentes no campo e desprovidos de decisões políticas. Assim o poder exercido por um coronel durante a Primeira República esteve associado na força eleitoral que desempenhavam desde o Império, mas que se amplia com o advento do regime republicano. De acordo com Maria de Lourdes M. Janotti,

Os coronéis podem ser vistos como representantes da oligarquia agrícola-mercantil que controla o poder público e orienta suas decisões no sentido de afastar as demais classes e manter seus privilégios. (JANOTTI, 1981, p. 9).

Victor Nunes Leal (1978) aponta o coronel como responsável, em grande parte, pelas vitórias eleitorais dos candidatos do oficialismo, é frequentemente acusado de não ter ideal político, pois sua mentalidade estreita, confinada ao município, onde imperam interesses de sua facção, se sobrepondo ao da pátria, seu descaso pelas qualidades ou defeitos dos candidatos às eleições estaduais e federais, tudo isso incute no espírito dos derrotados amarga descrença nas possibilidades do regime democrático no país. O coronel, nessa sociedade estática, detém de um prestígio político, passando a ser visto como o chefe municipal que constrói ou conserva sua posição de liderança¹⁸.

Diversa é a visão de coronelismo da historiadora Maria Isaura Pereira de Queiroz. Queiroz faz uma análise dessa prática política sob o viés sociológico, abrangendo, pois, as possibilidades de estudo desse fenômeno para além do campo histórico. Para ela o mando político do coronel era resultante, em primeiro lugar, de sua posição econômica, que dava ao indivíduo a possibilidade do exercício do poder, que o

¹⁷ Em relação à política do coronelismo na Chapada Diamantina, há dois interessantes estudos que retratam sobre o tema: *"Terra do frio", coronéis de "sangue quente"?: Política, poder e alianças em Morro do Chapéu (1919-1926)*, de Jeedean Gomes Leite, e *O coronel negro: coronelismo e poder no Norte da Chapada Diamantina (1864-1919)*, de Moiseis de Oliveira Sampaio.

¹⁸ Ver Leal, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1978, p.37.

colocava em posição de fazer favores. Afirmava que a existência da parentela era condição importante de apoio para a conservação desse poder dentro do conjunto de parentes aquele que apresentasse as qualidades indispensáveis de grande coronel.¹⁹

Queiroz irá então fazer uma interpretação do coronelismo utilizando como fundamento o poder econômico e o poder político do coronel. Assim, o coronel que detinha de grandes propriedades fundiárias conseqüentemente era também um detentor de poder. Sua dominação política advinha justamente do meio social na qual estava inserido, ou seja, da parentela.

Para explicar a natureza da dominação política, a autora vai buscar como determinação o social, que identifica organizado em grupos de parentela, cuja definição, em suas palavras, é a seguinte: como grupo, apresentava, pois, a parentela, três aspectos interligados — o político, o econômico e o de parentesco — mostrando que a sociedade na qual estava implantada era de estrutura sócio-econômica e política ainda pouco diferenciada em seus setores de atividades. No seio desta parentela irá se desenvolver um tipo de relação de reciprocidade ou contraprestação, “dom e contradom”, em última instância, uma solidariedade vertical e horizontal, modelo que se estenderá ao setor político. (QUEIROZ, apud MACHADO, 1988, p.82).

Fazendo-se uma reflexão acerca da relação entre o coronelismo e o cangaço, é interessante atentarmos para o fato de que tal prática, como ainda advoga Janotti (1981, p. 8) “não envolve unicamente aspectos políticos da dominação de classes, mas abrange inúmeras implicações ao longo do processo histórico no qual se forma a sociedade brasileira”. Assim, fazendo-se uma relação analítica com o romance *Seara Vermelha* depreende-se que uma dessas implicações talvez seja a proximidade das relações de clientelismo²⁰ existente entre os coronéis e os cangaceiros.

Quando o senador chegou, Lucas foi cumprimentá-lo, acompanhado de Zé Trevoada (...). O senador apertou a mão que o cangaceiro lhe estendia. Havia um bando de madeira na varanda, ali conversaram. Lucas tirou o chapéu de couro, colocou-o no chão, entre seus pés. Zé Trevoada acocorou-se em frente. (AMADO, 1993, p. 202).

¹⁹ Ver Queiroz, Maria Isaura Pereira de. “O coronelismo numa interpretação sociológica”, in Fausto Boris (dir.), *História Geral da civilização brasileira: o Brasil republicano*, São Paulo, 1975, tomo III, vol. 1, p. 178.

²⁰ O termo *clientelismo* aqui empregado tem como referência o discurso conceitual feito por José Murilo de Carvalho em sua obra *Pontos e bordados: escritos de história e política*, onde diz que o referido termo “assemelha-se, na amplitude de seu uso, ao conceito de mandonismo (...) o clientelismo perpassa toda a história política do país” (CARVALHO, 1998, p.4).

Essa relação de clientelismo está explícita em um diálogo entre o cangaceiro Lucas Arvoredo e um senador, que mantinha um *status* de coronel latifundiário no sertão:

— Seu Lucas me desculpe a franqueza, mas você está abusando... Assim você acaba mal e não poderei fazer nada para lhe ajudar... —O senador erguia o dedo numa advertência.

Lucas pôs nele uns olhos inocentes:

— De que é que vosmecê quer falar? Num sei de nada... Ando até quieto, bem o meu nesses tempos...

— Você sabe do que estou falando... Que necessidade você tinha de marcar a pobre moça com ferro em brasa... —O senador vira o ombro da moça, ainda não se libertara de todo da impressão.

— ‘tava um pouco bebido, a malvada se fez de besta, o senhor sabe o que é raiva, não me guentei...

O silêncio reinou durante alguns minutos.

—Foi muito mal feito. Assim, Lucas, você ainda vai terminar mal... Um dia lhe pegam...

—Vocmecê bem sabe que ninguém vai pegar Lucas com vida. Esse caboclo que ‘tá aqui não vai bater com os costados na cadeia... Antes é mio morrer brigando... Não sou bandido de se deixar prender... (...)

Se não me alembro?... Seu senador, vosmecê bem sabe que vim pra essa vida não foi por querer. Nós ‘tava bem de seu em nossa terra, viero e tomara ela, assim como vosmecê também faz... (...)

—Vai se demorar por aqui?

— Só uns dias enquanto os home descansa e a polícia assossega. Dizque tem muito soldado na caatinga que espinho nos mandacaru... (...)

— Queria falar um arrespeito com vosmecê...

— Que é?

—‘tou cum pouca munição, ‘tava querendo ver... (...)

— Nem me lembrava. Mas não posso lhe ceder tudo... Só uma parte... Preciso de ficar com um pouco, ninguém sabe do futuro...(...)

— Venha amanhã, vou mandar matar um capado para os homens...

No romance estão representadas, não raro no sertão, outras formas de poder dos coronéis e latifundiários que usurpam as terras de trabalhadores, ratificando, dessa forma, uma característica importante do coronel sertanejo, que é a sua posição social de latifundiário. Notamos isso no relato do personagem Vicente que,

Dirigia-se também para São Paulo, seu pai estava em Fernando de Noronha cumprindo pena porque matara um senhor de terras que tomara sua lavoura, sua casa e suas terras, inventando umas coisas no cartório. (AMADO, 1993, p. 115).

Portanto, a relação acima estabelecida, é oriunda dos períodos colonial e imperial, que devido às rivalidades existentes entre clãs familiares, principalmente por motivos políticos, contratavam jagunços ou capangas para lhe servirem.

Cada clã mantinha grupos armados, conhecidos como jagunços ou capangas, ambos os termos significando “rufião” no vernáculo regional. Esses homens eram recrutados entre a população por questões de terras, de águas em disputas eleitorais, e freqüentemente por crimes passionais. (PANG, 1979, p. 24).

A posição de privilégio que tinham os coronéis na Bahia decorre como já dito, da falta decisão da maioria da população, até então residente no campo, “alheios e indiferentes às questões políticas” (SAMPAIO, p. 53). Como advoga Sampaio, a exclusão dos analfabetos significava a preservação do caráter elitista do sistema político oligárquico, fazendo com que o coronelismo encontrasse através do paternalismo formas coercitivas de dominação.

Sem qualquer experiência de participação política, esse contingente de eleitores foi submetido ao comando paternalista dos coronéis (...). Às restrições de ordem legal juntava-se toda uma gama de recursos coercitivos, que iam do paternalismo à violência sem máscaras, impedindo a quase totalidade da população de participar politicamente. (SAMPAIO, 1998, p. 52).

Depreende-se desse contexto, que o poder privado era desmesurado no que diz respeito às formas de governo e dominação existente durante a formação do Estado brasileiro. O poder local centralizado, vinculado no mandonismo dos coronéis, ditava as regras sócio-políticas e econômicas na Bahia. Essas políticas coronelísticas em muito se sustentaram, como advoga Consuelo de Novais Sampaio (1998, p.43), numa *política de governadores*, caracterizada pela lealdade recíproca e irrestrita entre os membros do poder, originando assim, uma estrutura claramente oligárquica.

Eram comum também a troca de favores de ambas as partes. O governo sentindo-se imponente para penetrar nos sertões e geri-los administrativamente, compactua-se com o poder paralelo dos coronéis e põe ao seu dispor não só a polícia como os seus préstimos manutenção do poder local e regional travando lutas ferrenhas com outros coronéis adversários, numa autêntica luta pelo comando, acaba por aceitar o apoio governamental, ao mesmo tempo oferece também o seu apoio em troca, ocorrendo uma espécie de interação mandonista,

onde ambos funcionam como auxiliares e sustentáculos de manutenção do domínio. (MURITIBA et al, 1997, p.37-38).

Dessa forma, a conjuntura política do sertão baiano, sustentada no coronelismo, se caracterizou por esse tipo de relação estabelecida entre os coronéis, até então o grande mandatário rural, e os poderes estaduais e federais. José Murilo de Carvalho conceitua o coronelismo justamente por esse viés. Segundo ele esse fenômeno é um sistema político nacional, baseado em barganhas entre o governo e os coronéis. O governo federal garante o poder do coronel sobre seus dependentes e rivais, cedendo-lhes cargos públicos. Em troca o coronel apóia o governo, sobretudo na forma de votos. Esses mesmo governadores dão apoio ao presidente da República em troca de seu reconhecimento no domínio sobre o estado.²¹

Analisando essa conjuntura política na qual se inseriam as práticas do coronelismo chega-se a reflexão de que as camadas inferiores da sociedade baiana, a partir do pressuposto da não consciência de direitos, pois a maioria residia nas zonas rurais e assim sem nenhuma instrução, eram facilmente manipuladas pelo jogo político dos donos do poder, notadamente assentados em uma política de barganha e nos acordos tácitos. Talvez por serem desprovidos de liberdade de expressão assimilavam facilmente o mandonismo centralista dos poderosos coronéis. Estendendo essa análise para uma maior abrangência da sociedade baiana, é possível considerar a inexistência de uma opinião pública expressiva em contraposição ao poder restrito das elites.

É importante as abordagens conceituais e as análises realizadas por historiadores e também sociólogos sobre o fenômeno do coronelismo, pois foram essas práticas sócio-políticas e econômicas que caracteriza o sertão, particularmente a Bahia e que servirá de pano de fundo na elaboração de muitas narrativas literárias como *Seara Vermelha* de Jorge Amado, na qual está exposta essa prática.

É essa a conjuntura sócio-política e econômica que caracteriza a Bahia durante a Primeira República, especialmente o início do século XX, onde se observa um maior afloramento da política coronelística no Estado, mais precisamente no sertão. É também nesse contexto que percebemos com maior nitidez, do ponto de vista historiográfico, um delineamento da formação da sociedade baiana que desde períodos históricos anteriores assistiu a uma centralização de poder, assentada num estado oligárquico, de base

²¹ Ver Carvalho, José Murilo. Pontos e bordados: escritos de história e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p.4.

coronelístico, onde o poder de uma minoria latifundiária sobressaia sobre uma maioria marginalizada, despossuída tanto economicamente como politicamente. É nesse contexto enfim, que eclodirá importantes acontecimentos históricos como a já citada práticas coronelísticas na Bahia, a intensificação de movimentos sociais, especialmente advindas do campo, como o cangaceirismo, as migrações internas e o messianismo, todas elas formas diretas e indiretas de manifestações oposicionistas à um sistema de poder vigente num estado oligárquico e latifundiário.

CAPÍTULO III

3. O SERTÃO BAIANO EM SEARA VERMELHA: LATIFÚNDIO, MIGRAÇÃO, E CANGAÇO

O espaço geográfico brasileiro conhecido como *sertão* sempre foi um reduto de inúmeras manifestações socioculturais. E através da arte literária observamos uma rica interpretação representativa desse lugar, onde o tema “sertão” traz à tona os mais diversos questionamentos, assim como debates discursivos versados por literatos e historiadores que entenderam a importância em se estudar sobre o tema.

Nesse capítulo me ocuparei em analisar como tais elementos acima elencados foram representados de forma tão coesa com o contexto político social e econômico do Brasil, em particular na Bahia, no romance histórico *Seara Vermelha*, do escritor baiano Jorge Amado, que se enquadra na chamada “literatura de engajamento”²². O intuito principal é fazer uma discussão acerca desses elementos, pois ambos estão presentes no eixo narrativo do romance, sempre partindo da intensa relação entre literatura e história e ambas com a sociedade.

Amado foi uma testemunha, assim como Lins do Rego e outros escritores regionalistas, do desenvolvimento de tais movimentos no sertão nordestino. A produção literária de Amado traz como pontos centrais os importantes fatos político-sociais do Brasil no século XX. *Seara Vermelha*, obra publicada em 1946, se enquadra na chamada literatura nordestina e que configura em seu enredo problemáticas referentes à realidades sociais onde a miséria e a opressão social prevalecem numa sociedade marcada por um governo centralizado e injusto. O engajado escritor faz uma rica e interessante descrição da vida de cangaceiros e do fenômeno cangaço como um todo, em que narra as ações dos mesmos nas caatingas sertanejas.

Em *Seara Vermelha* Jorge Amado, sendo um escritor de relevante participação nas questões políticas e sociais de sua época, faz uma aproximação bastante enfática da ficção com a realidade de fatos que ocorreram no período da transição do regime

²² Salientando que existem várias outras narrativas que se ocuparam em relatar o sertão, englobando os elementos que aqui serão analisados, como *A Bagaceira* de José Américo de Almeida e o *Cabeleira* de Franklin Távora. Essas obras são de suma importância na análise acerca da representação do sertão, porém não se enquadram no espaço e no tempo dessa pesquisa, ficando para uma possível análise futura.

monárquico ao republicano, onde fatores como o cangaço, o messianismo, a questão latifundiária, assim como as relações paternalísticas da política coronelística estavam em pauta na história do Brasil²³.

É feita em *Seara Vermelha*, uma projeção de uma história que caminha na direção do socialismo. É representado no romance histórico amadiano, a opressão dos camponeses, vítimas do latifúndio e dos latifundiários. A questão da representação desse sertão na referente narrativa, encontra seu eixo central na abordagem que o autor dá ao latifúndio, ao que parece corresponde às práticas de violência, ancoradas pelo fenômeno do cangaço, tipo de banditismo social que veio a caracterizar o nordeste do país no final do século XIX e início do século XX.

No concernente às questões de identidade e cultura, Amado tenta em *Seara Vermelha* tecer um panorama geral acerca da diversidade do povo nordestino/ sertanejo, ou seja, do povo brasileiro. A representação desse sertão é visto através da valorização que o autor atribui à paisagem dos sertões baianos, à descrição dos tipos de sertanejos tais como: o mulato, o cangaceiro, o jagunço, o coronel etc. Jorge Amado fala de um Nordeste onde seu povo é vítima da exclusão social, ancorada pelos desmandos de uma política coronelística, de atrasos econômicos, de secas, misérias e “deserções forçadas”. Isso nos remete às múltiplas visões que se produziram ao longo de décadas ou até mesmo séculos, onde o Nordeste é visto como um lugar do atraso, da miséria, reduto da não civilização.

Nas observações feitas pelo historiador Rui Facó (1988), quando diz que os pobres do campo não tinham outras alternativas no combate à fome, ao latifúndio, a miséria e as secas prolongadas que:

- a) Formação de grupos de cangaceiros que lutam de armas nas mãos, assaltando fazendas, saqueando comboios e armazéns de víveres nas próprias cidades e vilas;
- b) A formação de seitas de místicos— *fanáticos*— em torno de um beato ou conselheiro, para implorar dádivas aos céus e remir os pecados, que seriam as causas de sua desgraça. (FACÓ, 1988, p.34).

²³ Jorge Amado, na época da publicação era, segundo Eduardo de Assis Duarte (1996), deputado federal por São Paulo. Então o romance sofre grande influência do momento político então vivido pelo país. O Partido Comunista estava na legalidade e Luís Carlos Prestes havia sido eleito senador. Assim, Amado constrói *Seara Vermelha* nesse contexto, marcado pela efervescência de acontecimentos políticos e sociais como a tentativa de construção do socialismo.

Diante disso vejamos que o tripé latifúndio-migração-cangaço pode ser entendido como o eixo de sustentação da narrativa de Amado, que à homogeneização de vários outros fatores como seca, fanatismo e exploração do homem campesino torna-se a essência principal na análise da representação do sertão em *Seara Vermelha*.

3.1. LATIFÚNDIO: MONOPÓLIO DE TERRAS NO SERTÃO

A questão latifundiária é sem dúvida a causa principal dos males que vieram a ocasionar o fluxo migratório, as revoltas do cangaço e a prática do messianismo, presentes na narrativa romanesca de *Seara Vermelha*. Logo na abertura do prólogo “*a seara*” Jorge Amado traz uma frase de Luis Carlos Prestes, que ilustra bem, numa assertiva claramente marxista a configuração central da obra:

... está no latifúndio, na má distribuição da propriedade territorial, no monopólio da terra, a causa fundamental do atraso, da miséria e da ignorância do nosso povo. (PRESTES, apud AMADO, 1993, p. 23).

Dessa colocação inicial poderemos assegurar que Amado busca chamar a atenção de seu leitor para questões que estavam em evidência no cenário brasileiro na década de 1940, a opressão sofrida pelo homem do campo, que vítima do monopólio de terra, viu-se obrigado a recorrer a outras alternativas de sobrevivência.

É a forçada expulsão da massa de camponeses do campo, visivelmente transposta em *Seara Vermelha*, a responsável maior pelas misérias sofridas pela família do sertanejo Jerônimo e de tantos outros sertanejos, diga-se de passagem, da também família de Fabiano e Sinhá Vitória da memorável obra *Vidas Secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos que impelidos pela seca e indiretamente pelo latifúndio saem em retirada pelas caatingas dos sertões.

Trabalhando, seja como meeiros, posseiros ou agregados, os sertanejos de *Seara Vermelha*, podem ser caracterizados como camponeses, ou homens da terra. Segundo Margarida Maria Moura, optar por um conceito de camponês não é tão simples como possa parecer, pois o termo pode aderir a outras denotações como campesino, de grande

vitalidade e força histórica²⁴. Assim, levando em considerações os variados conceitos que se tem de camponês, o mesmo pode ser entendido como o cultivador que trabalha a terra, juntamente com sua família opondo-se dessa forma, àquele que dirige o empreendimento rural a quem será transferido os excedentes de suas colheitas. Ainda de acordo com Margarida Maria Moura,

É fundamentalmente no próprio campo que o camponês vivencia a exploração exercida sobre ele, seja através da apropriação de parte do que produz, sob forma de tributos entregues ao dono da terra, seja através dos preços depreciados que o comerciante comprador de sua colheita impõe, ou ainda pela expropriação de sua terra pelo grande proprietário. (MOURA, 1986, p.14).

O camponês ou homem da terra, sempre constituiu um seguimento oprimido e cuja subordinação sempre esteve atrelada aos donos do poder, ou seja, aos donos de terras. Moura ainda chama a atenção para outra designação para o indivíduo que vive e trabalha na terra: o *lavrador*. Categoria que ganha sentido no meio rural brasileiro, sendo mais rica de conteúdo, pois “esta não só quer dizer *trabalho*, mas possui também a conotação de esforço cansativo, dor e fadiga” (MOURA, 1986, p.16).

Muito se tem visto em narrativas de cunho regionalista de nossa literatura, a representação de um sertão sofrível do ponto de vista climático, onde se credita à seca a causa maior das mazelas sofridas pelo homem sertanejo, àquele residente no campo. Mas o que está explícito no romance é a representação de um sertão que se torna reduto do monopólio de terras nas mãos de poucos donatários como o Dr. Aureliano, que residente e visionário de um mundo capitalista, apresenta-se como um grande latifundiário, dono de vastas terras onde até então residia Jerônimo com sua família, antes de empreender sua sofrida retirada do sertão.

Para Jerônimo tudo se resumia numa questão de homens: o coronel Inácio era um homem bom, consentia que eles lavrassem as terras da fazenda. O doutor Aureliano era homem ruim, mandara-os expulsar. E pior que todos era Artur, que antes fora trabalhador como eles na hora do acerto de contas. (AMADO, 1993, p.66).

Antes mesmo de empreenderem a longa viagem vejamos que a família de Jerônimo já era vítima do sistema latifundiário vigente na fazenda onde moravam.

²⁴ Ver Moura, Margarida Maria. Camponeses. São Paulo, Editora Ática (Série Princípios). 1986, p. 13.

Trabalhavam como meeiros e arrendatários, ou seja, grande parte do que produziam era destinado ao dono da fazenda, no caso o Dr. Aureliano. Amado traz nessa passagem da narrativa o cotidiano da família e de tantas outras existentes pelo vasto sertão:

A vida era ruim e difícil, metade da farinha, do milho e da batata era para a fazenda, além do dia de trabalho gratuito, obrigatório pelo contrato de meeiro (...). Se o armazém da fazenda, onde compram o que vestir, não roubassem tanto, ele até poderia juntar algum dinheirinho para atender a uma doença ou a um ano ruim...(AMADO, 1993, p. 33-34).

Diante desse e de muitos outros detalhes que o autor traça na narrativa, notamos a latente submissão do homem sertanejo a estrutura que prevalece na fazenda do latifundiário. As massas camponesas trabalham em péssimas condições, levam uma vida miserável, sujeitos à fome, a seca e inúmeros tipos de mazelas sociais e climáticas que assolaram o sertão da época. Além de não possuírem terras para o cultivo próprio, os sertanejos da fazenda eram obrigados, pelas circunstâncias que lhes cabiam, trabalhar para o dono das terras, o que significa numa verdadeira exploração, na concepção marxista, do homem pelo homem. A narrativa delineia-se, dessa forma, em torno do latifúndio, sendo os males sofridos por Jerônimo e sua família, decorrentes desse sistema.

Jerônimo e tantos outros sertanejos que se deslocam para outras regiões, trazem a esperança de futuramente conseguirem terras e se fixarem nelas. Essa possibilidade de adquirirem terras povoa os pensamentos dos retirantes durante a viagem, eles vão imaginando o quão bom seria encontrar um lugar onde plantar e colher, suplantando assim a miséria que outrora viviam no sertão. É dessa forma representada em *Seara Vermelha*:

Eis o que alimentava a esperança naqueles corações cansados. A promessa de terra para cada um, livre de dificuldades, de processos posteriores revelando donos desconhecidos, quando já terra estava lavrada, as benfeitorias levantadas (...). Ai quem dera que estivessem em São Paulo, lavrando uma terra, plantando café. Ai quem dera!... (AMADO, 1993, p. 120-121).

Todos os acontecimentos narrados por Jorge Amado em *Seara Vermelha*, desde a saída de muitas famílias para fazendas vizinhas e a epopéia da viagem de Jerônimo com a família rumo aos cafezais paulistas figuram na obra como uma forma de abolição do latifúndio. Essa parece, quando do primeiro contato com a narrativa, a proposta de

Amado, já que o mesmo, dita-se, buscou representar os problemas sociais nordestinos, literalmente em seu romance.

3.2. O DRAMA DA MIGRAÇÃO

Foram inúmeros os fatores que, na transição do século XIX para o XX vieram a contribuir para que houvesse um grande surto migratório do nordestino rumo à região Sudeste do país, mais precisamente São Paulo, como também para a Amazônia, que no período configuravam como os grandes pólos da economia agroexportadora do país.

Com a introdução das lavouras de café nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo e conseqüentemente a chegada da mão-de-obra imigrante européia, assim como a queda dos preços no mercado internacional do açúcar e do algodão e a valorização cada vez maior do café no mercado, assiste-se a transferência do poder econômico e do poder político que outrora pertencia ao Nordeste, para o Centro Sul do país. Essa mudança contribuiu para que o Centro Sul experimentasse grande modernização, enquanto o Nordeste mantinha sua estrutura rural e arcaica, onde sua industrialização limitava-se praticamente às grandes centrais açucareiras. Esse contraste passou então a gerar um quadro cada vez mais nítido de desigualdades econômicas entre os dois pólos²⁵.

A migração abordada em *Seara Vermelha* pode levar-nos à reflexão de que sua causa não está relacionada somente a fatores climáticos, mas também de ordem social e principalmente político, como mencionado acima. Essa afirmativa muito se embasa na reflexão primeira de que, dado às condições sub-humanas na qual se encontravam a população camponesa dos sertões, tal fluxo é decorrente do estado de subordinação e dependência dos mesmos aos grandes proprietários de terras. É necessário frisar também que o drama da migração exposta por Jorge Amado em *Seara Vermelha* condiz e muito com as secas periódicas, que aliadas à espoliação de terras e a pequena oferta de empregos nos mencionados centros urbanos, forçavam o êxodo, fator preponderante na transformação do Nordeste, principalmente nos sertões, num grande fornecedor de mão-de-obra para as fazendas e indústrias do Centro Sul do Brasil.

Conseqüência do latifúndio monopolista vigente na sociedade agrária brasileira e nordestina, o fator migração, é uma temática em pauta em *Seara Vermelha*. Aliás, é uma

²⁵ GARCIA, Carlos. O que é Nordeste brasileiro? 5ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

questão bastante presente em obras literárias, configurando-se como uma das inúmeras consequências da “deserção” do homem sertanejos rumo aos grandes centros urbanos do país.

Os camponeses nordestinos, desprovidos de terras, reféns do latifúndio e do mandonismo dos poderosos coronéis, encontraram na migração uma alternativa para fugir das mazelas que assolavam o sertão da época. O fenômeno persiste até dias atuais, com configuração e desejos distintos dos observados no século passado, porém ainda é consequência da enorme deficiência do Estado e a exclusão política e social.

Retirantes desolados, maltrapilhos, faces obscurecidas, corpos castigados pelo sol escaldante dos céus sertanejos. Nas “capangas” e mentes, a esperança de dias melhores, vislumbrados em “Eldorados” distantes. As famílias de Jerônimo e de João Pedro percorrem esse caminho, não cabendo a eles nem mesmo o privilégio, como andantes sertanejos, de deslocar-se nos célebres paus-de-arara, contentando-se em caminhar pelas caatingas, sob arbustos e mandacarus. Migram não porque desgoste de suas terras, mas porque as condições os obrigam. Condições essas que estão associadas a inúmeros fatores, como a fome. Segundo Josué de Castro,

A fome age não apenas sobre os corpos das vítimas da seca, consumindo sua carne, corroendo seus órgãos e abrindo feridas em sua pele, mas também age sobre seu espírito, sobre sua estrutura mental, sobre sua conduta moral. Nenhuma calamidade pode desagregar a personalidade humana tão profundamente e num sentido tão nocivo quanto a fome, quando atinge os limites da verdadeira inanição. Excitados pela imperiosa necessidade de se alimentar, os instintos primários são despertados e o homem, como qualquer outro animal faminto, demonstra uma conduta mental que pode parecer das mais desconcertantes. (CASTRO, 2003, p.79).

Diante disso, é notório em *Seara Vermelha*, que a fome também é um dos fatores que impulsionam o homem sertanejo à migração. Como enfatiza Castro (2003), a fome é capaz de mudar a personalidade do homem sertanejo. E é nesse contexto de miséria, provocada pelas secas e fomes periódicas que se cristalizam os dois tipos característicos da vida social dessa região do Brasil: os cangaceiros e os místicos fanáticos²⁶.

²⁶ Ver Castro, Josué. Fome: um tema proibido- últimos escritos de Josué de Castro/ Ana Maria de Castro (org.).- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.81.

Assim, partindo desse pressuposto, Castro aponta a fome como responsável pelo instinto nocivo do homem sertanejo, desorientando-o e desajustando a sua personalidade.

O cangaceiro, que emerge como uma serpente transformada da imundice social, frequentemente significa a vitória do instinto da fome sobre as barreiras sociais que o meio levanta (...). O místico fanático traduz a vitória da exaltação moral que faz apelo às forças sobrenaturais a fim de dominar o instinto desordenado da fome. Nos dois casos, assistimos a um uso desproporcional e inadequado da força— da força física ou força mental— para lutar contra o flagelo ou contra seus trágicos efeitos. (CASTRO, 2003, p.81).

Portanto, a calamidade climática das secas periódicas que assolam o sertão nordestino, desagrega e desorganiza a conjuntura social e econômica de muitas famílias. Isso fica implícito em *Seara Vermelha*. Seus efeitos são sempre desastrosos ocasionando fluxos migratórios e a consequente despovoação da região.²⁷ Quando o sertão não mais lhe proporciona alternativas de sobrevivência o sertanejo faz-se “retirante e desce aos magotes, em busca de outras terras menos castigadas pela inclemência do clima” (CASTRO, 1984, p.220).

Na obra é descrita uma viagem quase interminável pelas caatingas dos sertões. As famílias do patriarca Gerônimo e de João Pedro iniciam a viagem depois que são sumariamente expulsos pelo coronel de nome Aureliano, proprietário da fazenda onde residiam, trabalhando como meeiros ou agregados. Pouco a pouco a família, até então numerosa, fora reduzida devido a inúmeros fatores como fome, cansaço e doenças.

Amado faz uma longa narrativa da trajetória dessas famílias de camponeses num tortuoso “caminho da fome” em busca de melhores condições de sobrevivência. Para tanto narra o início da viagem pela agreste e inóspita caatinga:

Assim descreve Amado,

E através da caatinga, cortando-a de todos os lados, viaja uma inumerável multidão de camponeses. São homens jogados fora da terra pelo latifúndio e pela seca, expulsos de suas casas, sem trabalho nas fazendas, que descem em busca de São Paulo, Eldorado daquelas imaginações (...). É uma viagem que há muito começou e ninguém

²⁷ Em sua mais importante obra *Geografia da fome*, o médico, geógrafo e cientista social, Josué de Castro, traz uma conceituação da fome e questões voltadas para os problemas da insegurança alimentar presente no Brasil, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste. Fome vista como provocadora da migração de sertanejos, que vitimados pelas secas, se retiram para outras regiões do país.

sabe quando vai terminar porque todos os anos os colonos que perderam a terra, os trabalhadores explorados, as vítimas da seca e dos coronéis, juntam seus trapos, seus filhos e suas últimas forças e iniciam a jornada. (AMADO, 1993, p. 59-60).

O grande surto migratório que compõe o contexto brasileiro na transição das formas de governo, ou seja, na passagem da Monarquia para República, é consequência não somente das prolongadas estiagens, responsável pelo estado de miséria e fome a qual o homem da terra enfrentava periodicamente, mas principalmente pelo latifúndio. A região Sudeste, especificamente o Oeste paulista, assim como a Amazônia no Norte compunham o quadro econômico do país onde as levas de imigrantes eram maiores. São Paulo configurava no cenário brasileiro como grande cafeeiro, enquanto a região amazônica se destacava por ser o reduto dos seringais, o produtor da borracha.

Os colonos despedidos da fazenda estavam espalhados pelas estradas de caatingas. Iam todos no rumo do sul, em busca do país de São Paulo. Muitos outros haviam ido antes, os contratantes de trabalhadores diziam coisas de assombrar. Não havia gente pobre naquela terra paulista, onde se plantava e colhia café. Cada trabalhador que chegava era fazendeiro em poucos anos, virava coronel, homem influente na política. Assim diziam e sempre havia quem acreditasse apesar dos que voltavam mais pobres ainda quando haviam partido. (AMADO, 1993, p. 65).

É em decorrência do latifúndio e dos privilégios dos latifundiários que a família de Jerônimo empreende uma dolorosa jornada pelas caatingas sertanejas. São esses camponeses a grande massa de excluídos dos quadros institucionais brasileiros, que rumam para os grandes centros urbanos. São indivíduos desprovidos de qualquer participação política e cuja principal virtude está no trabalho da terra, único “bem” que possuem para a formação de sua dignidade, mas usurpada pelo poder até então instituído, o poder das oligarquias agrárias.

Seara Vermelha representa elementos que alargam sentidos nessa conjuntura sócio-política. Ora, o que vem a ser o fenômeno do cangaço, senão uma resposta ao latifúndio. E o que caracteriza o fluxo migratório e o consequente “inchaço” das grandes cidades, formação de contingente de miseráveis, senão o latifúndio, cuja base principal repousa sob os pilares de uma política oligárquica, onde o coronel reina absoluto?

Partindo dessa premissa, é notório que o latifúndio é o principal desencadeador dos males que degradam a condição de humanos dos sertanejos. São acontecimentos que estão interligados. O principal motivo que leva os cangaceiros Lucas Arvoredo e Zé

Trevoada a aderirem à vida no cangaço é explicada justamente pela existência no espaço em que vivem, qual seja, o sertão, de um sistema centralizado de poder, onde predomina o monopólio de terras. Assim a condição social e estrutural os define.

A migração da família de sertanejos, por conseguinte, traz uma discussão voltada para as causas desse movimento. O deslocamento ocasiona a degradação humana dos membros da família, tanto socialmente, como economicamente. Sem outra saída, senão o empreendimento da longa viagem pela caatinga, a família chegará a outro espaço que pela conjuntura socioeconômica já os exclui, pois se juntarão a um contingente de outros sertanejos oriundos de outras regiões e assim serão os protagonistas, nas cidades, da formação de grandes populações e passam a habitar as zonas urbanas, que muitas vezes não têm estrutura para abrigá-los.

São, portanto acontecimentos que se complementam e coexistem na obra de Jorge Amado. Ao versar acerca da imigração de numerosas famílias, Amado, indiscutivelmente, faz uma denúncia dos problemas sociais existentes no Brasil, como a questão agrária, ainda muito em voga na contemporaneidade. O sistema de monopólio de terras permanecia inato no período, mesmo com a troca de regimes governamentais.

3.3. CANGAÇO

Vários autores da literatura brasileira, especialmente àqueles inseridos na chamada literatura regionalista, discorreram em suas páginas a temática do cangaceirismo. Abordaram os variados tipos de homens da terra, ou seja, camponeses, quem em decorrência do estado de plena exclusão em que se encontravam, viam no cangaço uma forma de resistência às opressões sofridas pelo sistema vigente: uma sociedade de base oligárquica e latifundiária, onde o poder dos coronéis reinava.

Para entendermos sobre esse acontecimento, já que esse fenômeno é um dos eixos centrais de *Seara Vermelha*, é mister irmos de encontro às interpretações conceituais do mesmo, já que o cangaço como uma manifestação de *banditismo social*, se configura como um dos fatores que vem durante muito tempo, sendo debatido nos discursos historiográficos.

Na historiografia existem várias formas interpretativas do cangaço como um fenômeno do *banditismo social*. Não é somente uma manifestação exclusivamente dos

sertões nordestinos, podendo ser interpretado também como um movimento de cunho universal, já que se manifestou em vários lugares do mundo, como por exemplo, em países da América Latina, e como forma alternativa de reação popular contra um determinado sistema social e econômico. Nessa concepção de *banditismo social*, o historiador Carlos Alberto Dória em uma discussão conceitual sobre o tema, diz que o banditismo social em geral, é membro de uma sociedade rural, e por razões várias, encarado como proscrito ou criminoso pelo Estado e pelos grandes proprietários. Ele é originário de uma sociedade de base camponesa, considerado como herói por sua gente, seja um “justiceiro”, um “vingador”, ou alguém que “rouba os ricos”.²⁸

Para o historiador Rui Facó (1988), o fenômeno do cangaço representa uma forma de resistência, ou melhor, de enfrentamento dos camponeses ao poder dominante, esse baseado no latifúndio. Ainda que os praticantes do cangaço, assim como os messiânicos desconhecem qualquer tipo de sentido futuro em suas práticas, seriam um elo de comunicação com um futuro de revolução, “elementos ativos de uma transformação que prepara mudanças de caráter social” (FACÓ, 1988, p.42). Dado o exposto, é de se considerar que os personagens de *Seara Vermelha*, aqueles que se enquadram no cangaceirismo e no fanatismo, são, por conseguinte, elementos que serão os responsáveis maiores por desencadear a onda revolucionária do comunismo, o epílogo que desfecha a obra de Amado. Lucas Arvoredo, Zé Trevoada, o beato Estevão, dentre outros, são, portanto subversivos de um sistema latifundiário, provocantes de choques de classes, de lutas armadas. São, por fim indivíduos que prepararam o terreno, mesmo sem consciência de causa, para combates futuros. Esse caráter de homens “revolucionários” é notório no personagem Juvêncio.

O jovem sertanejo que fugira de casa para entrar no grupo de cangaceiros de Lucas Arvoredo, aprendia na cidade e se fazia líder de homens revoltados (...) pensava no sertão nos camponeses, em Lucas Arvoredo e em José, seu irmão que acompanhara o jagunço. (AMADO, 1993, p. 305).

É interessante essa linearidade que Jorge Amado traçou para *Seara Vermelha*. De uma luta que perpassa vários fatores de desagregação sócio-político e econômico para o surgimento de uma revolução de caráter socialista. Tanto o cangaceirismo como

²⁸ DÓRIA, Carlos Alberto. O cangaço. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 20.

o fanatismo, todos resultantes da resistência ao sistema latifundiário, tornam-se movimentos de preparação para uma nova época. Sendo assim Facó assegura que,

O cangaceiro e o fanático eram os pobres do campo que saíam de uma apatia generalizada para as lutas que começavam a adquirir caráter social, lutas, portanto, que deveriam decidir, mais cedo ou mais tarde, de seu próprio destino. Não era ainda uma luta diretamente pela terra, mas era uma luta em função da terra— uma luta contra o domínio do latifúndio semifeudal. (FACÓ, 1993, p.42).

Considerando as colocações de Facó, considera-se, que há em *Seara Vermelha* uma tendência cultural que muito se baseia na corrente marxista, de uma forma de resistência que culminará num socialismo revolucionário. O personagem Juvêncio não é só necessariamente um refém do sistema latifundiário, é também o indivíduo engajado militarmente na busca por uma revolução que acreditaria por fim à opressão sofrida pelos seus semelhantes. É ele dotado de um elemento, que os outros não tinham, qual seja a consciência de transformação, a consciência de classe, tão difundida pelos marxistas.

Conforme ainda advoga Facó, não é só no monopólio da terra que reside a matriz do cangaço; era em todo o atraso econômico, no isolamento do meio rural, no imobilismo social, na ausência de iniciativas outras que não fossem as da propriedade latifundiária— e as deste eram quase nenhuma²⁹. É salutar, reiterarmos a colocação de Facó para o fato de que o surgimento do cangaço está indissociavelmente ligado à secas inclementes, que surge nesse meio como um problema climático e social, responsável pelas transformações ocorridas nas vidas dos personagens amadianos, fazendo com que houvesse uma verdadeira descaracterização do modo de vida das famílias presente no romance de Amado.

No concernente à caracterização e origem do fenômeno do cangaço, vejamos que seu foco não se restringiu somente ao sertão. Seguindo a análise do historiador Frederico Pernambucano de Melo, atentemos para o fato de que a gênese do cangaceirismo está no litoral. Somente com o deslocamento do foco central do banditismo para o sertão, ficou evidente que tal fenômeno seria, a partir da metade do século XIX, caracterizado como um tipo de criminalidade desenvolvido nos sertões.

²⁹ FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos: gêneses e lutas. 1972, p.40-41.

Essa manifestação violenta de resistência ao sistema vigente da época foi segundo Darcy Ribeiro,

Uma forma de banditismo típica do sertão pastoril, estruturando-se em bandos de jagunços vestidos como vaqueiros, bem- armados, que percorreram as estradas do sertão em cavalgadas, como ondas de violência justiceira. Cada integrante do bando tinha sua própria justificativa moral para aliciar-se no cangaço. (RIBEIRO, 1995, p. 355).

Assim tal prática está diretamente relacionada não somente com a violência, mas também com a questão de cunho ético e moral. Esses personagens do sertão faziam justiça com as próprias mãos, muito em razão de ofensas sofridas por um outro indivíduo. É essa uma das razões que levaram o personagem Zé Trevoada, a cometer as mais duras atrocidades nas suas andanças pelas caatingas do sertão nordestino. Traz em seu perfil de homem rude e revoltado semelhanças como as possuídas por Virgulino Ferreira, o vulgo Lampião, “rei do sertão”, assim como seu predecessor Antônio Silvino.

Assim como Lampião e outros cangaceiros, Zé Trevoada e Lucas Arvored, durante a narrativa, entram nas cidades e promovem todos os tipos de violência, que vai desde saques a atos de crueldade contra os habitantes. Promoviam bailes, submetendo todos às suas ordens:

Zé Trevoada entrara no cinema arrastando a viúva do tenente. Puxava-a pelos braços, já lhe dera umas bofetadas pelo caminho Ela viera como estava em casa, de chinelas, despenteada, aos soluços. Ele a atirou como um fardo em cima de uma cadeira:

— Fica aí mula...

Zé Trevoada segurava a viúva do tenente, arrancara-lhe à força os vestidos, ela o olhava distante e silenciosa (...). O mais terrível porém foi quando Zé Trevoada derrubou a viúva do tenente. Quando ela compreendeu o que ia passar, ficou de todo louca e correu pela sala. Ele ia atrás, estava muito bêbado, tropeçava nas cadeiras, caía. Mas ela perdeu as forças e novamente ele a segurou. Ela o arranhou e mordeu, virava o corpo, de outras mulheres vinham gemidos de dor na posse obrigada.

Zé Trevoada segurava-a pelos braços, as pernas em cima de suas pernas:

— Mulher de macaco, tu vai ver o que é macho... (AMADO, 1993, p.198).

Todos os cangaceiros fizeram do banditismo uma expressão de revolta sertaneja contra as injustiças na qual estavam emersos, resultando, como ainda advoga Darcy Ribeiro, por vezes, na eclosão de um tipo particular de heroísmo selvagem que conduziu a extremos de ferocidade. Tais foram os cangaceiros celebres que, por um lado buscavam ressarcir os pobres de sua condição de pobreza com os bens que distribuíam depois de cada ação praticada, como também, matavam, estropiavam, violentavam, em puras exhibições de fúria³⁰.

O cangaço representado em *Seara Vermelha* tem o sertão como cenário condicionante das práticas do banditismo, liderada pelo cangaceiro vingador Lucas Arvoredo. Os “famigerados” personagens fictícios amadianos, Lucas Arvoredo e seu lugar-tenente Zé Trevoada se enquadram nesse cenário do sertão nordestino, onde em meados do século XIX, registra-se o surgimento de um banditismo rural que assolou a área. Na narrativa, Amado estabelece uma conexão com o contexto nordestino onde o cangaço se manifestara. Notamos a essa aproximação no próprio nome do cangaceiro Lucas Arvoredo, que é uma junção de dois nomes de cangaceiros que realmente existiram³¹.

São assim descritos por Amado,

Aqui, na caatinga, habitam os cangaceiros. Os soldados da vingança, os donos do sertão. Não tem paz nem descanso, não tem quartel nem bivaques, não tem lar nem transporte. Sua casa e seu quartel, sua cama e sua mesa, são a caatinga para eles bem amada [...] ao lado das serpentes e dos lagartos, vivem os cangaceiros na caatinga e também eles, por vezes liquidam no tiro das suas repetições os sertanejos que descem e que sobem na contínua migração. (AMADO, 1993, p. 60).

Os estudos historiográficos em torno da temática do cangaço oscilam nas concepções definidoras do fenômeno. Existe a vertente cujo embasamento teórico entende o cangaço como uma forma de reação a determinado sistema político e econômico vigente em determinada sociedade. O historiador inglês E. J. Hobsbawm, que serve como fonte de inspiração para muitos estudiosos que se ocupam em estudar as

³⁰ RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil.- São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.355-356.

³¹ Eduardo de Assis Duarte em sua obra, *Jorge Amado: romance em tempo de utopia* esclarece que o nome atribuído pelo romancista à personagem Lucas Arvoredo, é uma referência a cangaceiros que fizeram parte do grupo de Lampião em início do século XX, quais sejam: Arvoredo e Lucas da Feira. (DUARTE, 1996, p. 181).

manifestações do *banditismo social*, define-o como um fenômeno universal e praticamente imutável, sendo mais que endêmico protesto de camponeses contra a opressão e a pobreza: um grito de vingança contra os ricos e opressores, um vago sonho de conseguir impor-lhes alguma forma de controle, ou uma reparação de injustiças individuais. Conclusivamente, suas ambições modestas residem num mundo tradicional onde os homens têm o direito de serem tratados com justiça, não necessariamente num mundo perfeito³².

Antes de esboçarmos uma análise das formas de representação da figura do cangaceiro presente em *Seara Vermelha*, considero plausível aqui caracterizar alguns tipos de cangaceirismos elencados pelo historiador Frederico Pernambucano de Melo, um dos estudiosos que mais se ocuparam em fazer uma análise, diria mais que histórica, mas também sociológica e antropológica desse tipo de banditismo social que povoa os sertões brasileiros.

Conforme Melo, são três as formas básicas de cangaço: o cangaço- meio de vida, o cangaço de vingança e o cangaço refúgio:

A primeira forma caracteriza-se por um sentido nitidamente existencial na atuação dos que lhe deram vida. Foi a modalidade profissional do cangaço que teve em Lampião e Antônio Silvino seus representantes máximos. O segundo tipo encontra no finalismo da ação guerreira de seu representante, voltada ela para o objetivo da vingança, traço definidor mais forte [...] Na terceira forma, o cangaço figura como última instância de salvação para homens perseguidos. Representava nada mais que um refúgio, um esconderijo, espécie de asilo nômade das caatingas... (MELO, 2004, p.89).

Diante dessa caracterização definida por Melo e a narrativa de *Seara Vermelha* nota-se que impera no cenário fictício de Amado dois tipos de cangaço: o de vingança e o cangaço- meio de vida, apesar de o primeiro se sobressair. O que pensar da conduta dos personagens Lucas Arvoredo e Zé Trevoada, senão cangaceiros totalmente avessos às ordens que lhe era imposta pelo sistema? “Lucas Arvoredo, que se auto intitulara ‘governador do sertão’ e há mais de dez anos atravessara pela caatinga, roubando, matando, estuprando” (AMADO, 1993, p. 181), encontrou no cangaço, uma forma violenta de vingar o pai, cujas terras foram roubadas e conseqüentemente morto. Em

³² HOBBSAWM, J. E. *Rebeldes Primitivos: Estudos sobre Formas Arcaicas de Movimentos Sociais nos Séculos XIX e XX* Tradução: Nice Rissone. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970, p.15.

diálogo com um caixeiro- viajante é questionado sobre a possibilidade de largar o cangaço e mudar-se de país:

— Por que o senhor não junta o dinheiro que tem, não ruma para oeste, atravessa a fronteira, vai ser fazendeiro na Bolívia?
 — Pra quê, seu moço?... ‘tou nessa vida de bandido porque tomara as terras de meu pai. E não se contentaro, ainda mataro o pobre veio que nunca tinha feito mal a ninguém. E era uma porquera de terra, num chegava a dois arqueire... Lá quero terra pra me tomarem de novo... Sou bandido já vai pra mais de onze anos, vou morrer nessa vioda. De morte matada porque nenhum macaco vai me pegar com vida, se Deus me ajudar... (AMADO, 1993, p. 188).

Há, portanto, duas formas de manifestação do cangaço. Tanto Lucas Arvoredo como seu lugar-tenente Zé Trevoada são indivíduos que se aventuram no cangaço para vingar-se, assim como, usam-no como meio-de-vida. Trazem como características, personalidades de homens bravos, insubmissos e vingadores, “eis a tríade na qual se funda a positividade do bandido amadiano. Basicamente, ele cumpre papel semelhante ao dos cangaceiros nordestinos da primeira metade do século” (DUARTE, p.181). A personalidade de Zé Trevoada é de um homem marcado pela rebeldia e o desejo de vingança, alimentada pelo ódio. Lucas Arvoredo “se ajusta, em suma, à figura do ‘bandido social’ das sociedades pré-capitalistas, segundo nos relata Robsbawm” (DUARTE, p.181). É o tipo de bandido mitificado, cuja parte de suas pilhagens são destinadas aos pobres, morrendo como um herói dos sertões, em defesa do beato Estêvão, quando enfrenta as forças policiais. Adentravam cidades, saqueando-as e matando:

Gente corria pelas ruas, os comerciantes fechavam as portas, pessoas transportavam seus haveres para o campo que circundava a cidade. Os poucos automóveis existentes praticamente não serviam de nada, pois ninguém tinha coragem de seguir pela estrada de rodagem. (AMADO, 1993, p. 184).

Lucas Arvoredo e o beato Estêvão mantêm na narrativa uma relação muito próxima, devido, como já dito, a ambos serem sertanejos oprimidos e encontrarem na rebeldia uma forma de subversão à ordem.

O próprio Lucas viera ao encontro do beato, conversara com ele, recebera sua bênção. E todos tinham visto que a Lucas o beato não proibira de continuar sua vida de bandido pela caatinga. Deixara que ele partisse sem lhes recomendar que nunca mais matasse nem ferisse. Durante algum tempo não compreenderam porquê. Só muito depois, quando já estavam quase cercados, é que viram a razão: o beato

adivinhara o que ia acontecer. Agora Lucas voltava, podia matar e ferir, era quem ia defendê-lo conta a polícia. (AMADO, 1993, p. 233).

Assim, percebemos que Jorge Amado mostra uma realidade que fez parte do contexto nordestino do cangaceirismo, que é a relação entre religiosidade popular, muito enfática nos sertões.

É de se considerar, que mais do que meio de vingança, o cangaço em *Seara Vermelha* figura irremediavelmente como um meio-de-vida. Depois de vingar-se de seus desafetos, os cangaceiros Lucas Arvoredo e Zé Trevoada se aventuram no mundo da criminalidade como forma de subsistência. Tomam o cangaço como uma “profissão”, o mesmo tipo de cangaço que consagrou muitos outros, da estirpe de Lampião e Antônio Silvino. Foi uma tendência que, após o advento do regime republicano, torna-se perceptível a independência, já que a partir desse momento as oligarquias locais passam a utilizar novos mecanismos de defesa e controle social, qual seja o policiamento, mais precisamente as volantes, eterna inimiga do cangaço.

Na conjuntura contextual na qual está inserido as manifestações do cangaço é de suma importância atentarmos para o fato de que existiu um tipo de relação indissociável de aproximação entre o cangaço e as práticas coronelísticas. Não dá para analisar ambas as práticas separadamente. Tal relação é explícita em *Seara Vermelha*. O cangaceiro Lucas Arvoredo e seu bando mantêm estreitas relações de interesses e compromissos com poderosos coronéis dos sertões. Vejamos o destaque que Amado descreve dessa relação:

Depois de uma luta com a volante,

Lucas já estava muito longe, descansando tranquilamente na fazenda de um de seus coiteiros, um coronel que era trunfo na política, senador estadual que fazia discursos falando na defesa da civilização cristã e que se aproveitava de Lucas para expulsar das terras vizinhas das suas todos aqueles lavradores cujos bens lhes interessavam. (AMADO, 1993, p. 201).

É, portanto um jogo de interesses entre ambos os lados. Os coronéis como uma forma de manterem-se no poder, e mais precisamente numa política, digamos que “protecionista” e também de barganha, faziam uso dos serviços dos cangaceiros. Em contrapartidas tais agentes requeriam em troca asilo, ou seja, refugiar-se,

É verdade que sabia que o coronel João Baptista, pai do governador de um Estado vizinho, também acoitava Lucas. Mas em compensação, havia-lhe proibido que entrasse em qualquer das cidades do seu pequeno Estado. Lucas só se dirigia para a afazenda do coronel João Baptista quando estava num aperto muito grande, ali nunca iria a polícia. Em compensação, em nenhuma parte se acoitava tanto quando na fazenda do senador. Culpa do próprio senador que muitas vezes o havia mandado chamar, precisando dele para tomar as terras dos outros. (AMADO, 1993, p. 202).

Vejamos então, que o fenômeno do cangaço em *Seara Vermelha* não está pautado somente na questão da resistência. Ele é também em certa medida um jogo de manipulação, de relações recíprocas. Talvez o grande diferencial existente nessa manifestação de rebeldia popular, resida nessas práticas. De acordo com Facó (1988, p.61) tem-se conhecimento que, o homem do campo, e nele se enquadra o cangaceiro, o jagunço, o capanga e etc., sempre estiveram de alguma forma atrelados ao poder dominante de um coronel.

Ainda cumpre assinalar que essa não deixa de ser uma relação no mínimo paradoxal. O tipo de cangaço presente na obra não pode ser visto apenas como uma forma de resistência. Ele é sim, uma resposta ao sistema latifundiário, porém essa mesma manifestação vale-se do sistema opressor para manter-se vivo. É notório então, que nessas condições, os sertanejos oprimidos de *Seara Vermelha* são ao mesmo tempo vítimas e mantenedores do sistema, ou seja, dessa política de “clientelismo” existente entre cangaceiro e coronel. Segundo José Murilo de Carvalho,

O conceito de clientelismo foi sempre empregado de maneira frouxa. De modo geral, indica um tipo de relação entre atores políticos que envolve concessão de benefícios públicos, na forma de empregos, benefícios fiscais, isenções, em troca de apoio político, sobretudo na forma de voto. (CARVALHO, 1998, p.3).

Dado o exposto, ao analisar a obra *Seara Vermelha*, do grande escritor baiano Jorge Amado, vejamos que a presença dos elementos elencados acima é de suma importância para entendermos como a relação entre a história e a literatura se mostra tão próximas. São discursos que se complementam, na medida em que há uma coesão entre ficcionalismo e realidade, presente na narrativa em questão.

Seara Vermelha, ao longo de sua narrativa, mostra-nos uma infinidade de informações acerca de elementos que fizeram parte da história sociocultural, política e

econômica do Brasil na Primeira República. Período esse onde o país buscava na essência de seu povo, na miscigenação, uma forma de construção de uma identidade nacional. Um período onde se assiste uma gama de discursos de cunho estrutural e conjuntural, na qual estavam inseridas as manifestações aqui analisadas. As manifestações do cangaço, do fanatismo religioso, das intermináveis migrações sertanejas e finalmente a questão latifundiária, responsável direta ou indiretamente pelas mazelas e os problemas sociais existentes no contexto da época, são por excelência o eixo de sustentação dessa narrativa amadiana.

É possível constatar, tomando como base os eixos narrativos citados anteriormente, elementos que nos leva a considerar o cangaceirismo, as correntes migratórias dos sertanejos, o latifúndio e o fanatismo religioso como elos que servem de sustentáculo para a formação de uma história social e crítica do povo sertanejo, àqueles que fazem parte de uma região que em muito fora discriminada do ponto de vista sociocultural, político e econômico.

A análise da representação do sertão em *Seara Vermelha* proporciona ao historiador/pesquisador entender como e sob que pilares se formaram a sociedade brasileira atual. As origens dos problemas sociais existentes na atualidade podem encontrar explicação a partir da conjuntura e estruturas vigentes no Brasil pós-proclamação, mais precisamente na Primeira República e no contexto dos sertões nordestinos, pois é nesse espaço e tempo que se situam as mais importantes manifestações de resistência à ordem até então vigente: uma sociedade de base oligárquica, latifundiária, patriarcal e conservadora.

Portanto, tais manifestações tornam-se palcos de infindas interpretações e análises acerca das representações do sertão a partir da arte literária. Aqui foram analisadas como o sertão baiano foi representado no “romance histórico” *Seara Vermelha*, do escritor Jorge Amado. Para tanto foram elencados elementos que compunham o eixo de sustentação da obra, quais são: o latifúndio, o cangaço, a migração e o fanatismo religioso. Elementos esses que ocupam as páginas de livros e o imaginário de escritores preocupados em fazer uma história das memórias do sertão e do povo sertanejo, residentes nos mais longínquos e inóspitos sertões, seja ela nos moldes da ficção ou da realidade factual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sertão sempre foi um campo privilegiado para os estudos históricos desde os primórdios da colonização, quando o termo já se encontrava nos relatos de viajantes e cronistas estrangeiros que o exploravam e transparecendo na literatura regionalista enquanto um espaço de emanção de diversos e variados discursos, através do que Durval Muniz de Albuquerque Junior denomina de “visível” e “dizível”. É um espaço geográfico e histórico-social que ainda permanece no imaginário da nação. Em uma tendência que o leva a dicotomização em contraposição ao litoral, foi visto como um espaço incivilizado, rural.

Nesse trabalho fizemos uma discussão conceitual de sertão na perspectiva histórica e literária, embasada no regionalismo nordestino. O sertão, como aponta Albuquerque (2001) foi inventado pelos discursos advindos principalmente dos meios midiáticos, e visto pela ótica da “dizibilidade” representa historicamente o espaço que se opõe ao litoral, onde acredita-se estar a civilização. Nesse sentido, a concepção de sertão vista através de *Seara Vermelha* e em consonância com os discursos feitos por Janaína Amado, por exemplo, que o considera uma categoria importante no imaginário dos nordestinos, é de um espaço marcado por problemas sócio- políticos, campo de manifestações de rebeldias e violências, reduto da pobreza.

O contexto histórico da Primeira República, especificamente o baiano, é importante para a compreensão dos acontecimentos abordados na obra, já que *Seara Vermelha* foi escrita no espaço compreendido como sertão baiano. Assim foi traçado um panorama acerca da conjuntura social, política e econômica da Bahia como coronelismo e oligarquias, teorizadas por estudiosos do assunto como Eul-Soo Pang, Maria de Lourdes M. Janotti, Maria Isaura P. de Queiroz, José Murilo de Carvalho, dentre outros, que aqui serviram como suporte na elaboração dessa pesquisa. Buscou-se aliar tais teorias com a narrativa de Amado, já que na obra estão contidos elementos que fizeram parte da realidade social do referido período.

O cangaço, a migração e o latifúndio marcaram o Brasil na Primeira República. Esses elementos constituem na narrativa de *Seara Vermelha*, os eixos centrais da obra por estarem interligados. Contribuem ainda para reforçar a representação imagética que é feita do sertão e que dão sustentação para futuras pesquisas. Portanto, a representação

do homem sertanejo, do cangaceiro, do beato, assim como da família de migrantes, caracteriza o espaço do sertão.

Campo de interesse da literatura, o sertão é por vez apreendido e retratado historicamente pelas manifestações sociais ocorridas em seu espaço como o cangaço que reforçou ao longo da sua existência o discurso mitificador de que o sertão era o campo propício para a disseminação de barbaridades e incivilização. Em *Seara Vermelha* esses típicos representantes nordestinos são retratados como uma espécie de heróis, os Hobbin Hoods do sertão, mas também como seres caracteristicamente rudes e valentões que praticam a violência por que desconhecem os códigos legais e principalmente porque são vítimas de um sistema de opressão, de um sistema latifundiário que os expulsam de suas terras, tirando-lhes o que lhes é mais precioso, o trabalho e a dignidade. Assim são vistos como homens incivilizados que vivem numa região onde predomina o atraso.

Na obra de Jorge Amado, cujo enredo retrata elementos históricos de um contexto importante da história do Brasil: a Primeira República, e que se estende até a atualidade, mesmo com outras feições, como os fluxos migratórios e a questão latifundiária, dentre outros, há uma mediação entre narrativa histórica e narrativa literária que nos possibilita utilizar *Seara Vermelha* como fonte para a elaboração de pesquisas. A presença do discurso da ideologia comunista, por exemplo, é um tema fecundo representado na obra de Amado, respaldado na crítica que o autor faz em relação ao latifúndio, tido como a origem dos problemas sociais que afetam famílias, como a do sertanejo Jerônimo.

Ao adotar a concepção de que História e Literatura podem caminhar juntas, já que ambas têm em comum a narrativa, ou seja, utilizam a linguagem para representar algo, nota-se que *Seara Vermelha* veicula de forma explícita o sertão e inúmeros elementos que o compõe. A migração da família de Jerônimo foi precisa devido à questão latifundiária da qual eram reféns de um sistema de opressor e oprimido. O mesmo desencadeia o cangaceirismo e o messianismo nas caatingas sertanejas e ambos representam a degradação humana tanto política, social e economicamente. É uma cadeia sucessória de acontecimentos que culmina na ideologia comunista da qual Amado fora simpatizante e atuante.

Os sertões nordestinos são historicamente marcados por lutas e manifestações de cunho político, econômico e social. Podemos evidenciar isso através do enredo

elaborado por Jorge Amado ao analisar tais elementos, fazendo da obra um significativo romance de características históricas. Amado faz com que o leitor apreenda a trajetória do homem sertanejo num espaço que lhe é tão próximo e que também o define: homens que prezam a honra e a moralidade mesmo em meio às adversidades, pois como já dissera Euclides da Cunha (1902) “o sertanejo é antes de tudo, um forte”. De forma explícita ou implícita Jorge Amado faz em *Seara Vermelha* uma crítica acerca dos problemas sociais existentes pós o advento do regime republicano, mesmo sua obra não contemplando cronologicamente esse contexto.

Nessa perspectiva, evidencia-se que a presença do sertão em *Seara Vermelha* demonstra a aproximação de Amado como testemunha de acontecimentos ocorrido nesse espaço, mesmo a maior parte de suas produções estarem voltadas para o Recôncavo baiano. Antes de situar suas narrativas no cenário nordestino, como é o caso de *Seara Vermelha*, Jorge Amado produziu romances marcados por acontecimentos políticos vigentes na sociedade brasileira, como por exemplo, o levante tenentista ocorrido em 1920 e o governo ditatorial do Estado Novo. Assim os romances apresentam seu engajamento político e social. A obra, dessa forma singulariza-se por apresentar o sertão e a essência de seu povo, por ser o único romance do escritor baiano que retrata o sertão, característico da segunda fase do Modernismo, cujo regionalismo preconizava uma realidade social onde predominava a miséria, a opressão e os atrasos econômicos e sociais, oriundos de estruturas políticas deficitárias.

Após fazer essa análise com a perspectiva de compreender acerca das representações do sertão na literatura, mais precisamente na obra *Seara Vermelha* de Jorge Amado, é pertinente a reflexão de que o sertão fez e ainda continua fazendo parte do imaginário da nação, especialmente daqueles que se aventuram a escrever em suas obras literárias acerca dessa região, presente em diversos meios de comunicação como a própria literatura.

Cumprе refletir que a literatura é relevante para a compreensão das questões levantadas pela disciplina histórica, pois possibilita uma maior difusão do conhecimento, além de buscar uma renovação teórico-metodológica, característica da Nova História Cultural. Estabelece-se entre os dois campos uma relação de intercâmbio e também de contestação quanto à “verdade factual”, ou seja, o que está no campo da realidade e o que está no campo da ficção.

Diante do aqui exposto, é possível vislumbrar as possíveis conexões entre a História e a Literatura, sempre partindo das percepções discursivas de que ambos os campos de conhecimento têm em comum a textualidade, ou seja, se aproximam pela narrativa e pela representação de fatos, mesmo a literatura dispondo de uma prerrogativa em que não tem compromisso na transmissão de uma verdade já que trabalha com a ficção e como imaginário e a disciplina histórica com fatos documentais, sempre preocupada com as “verdades”. Essa interdisciplinaridade, trazida pela Nova História Cultural, ainda possibilita compreendermos a Literatura como fonte para a pesquisa histórica.

Vale a reflexão para o historiador, de que a busca por novos objetos e fontes sempre é válido, partindo da premissa de que toda forma de conhecimento seja ela oriunda de fontes documentais, audiovisuais, orais é por que não, também literárias, devem ser referenciais para a pesquisa histórica.

Sendo assim, *Seara Vermelha*, transparece ao longo da sua narrativa uma junção de conteúdos históricos com formas literárias, já que seu autor recorre à elementos factuais que realmente existiram unindo-os à literatura , através de ações praticadas por personagens fictícios, mas que também se assemelham com indivíduos reais.

Esse é um tema que não se esgota, visto que muitos trabalhos já se utilizaram de obras literárias brasileiras numa tentativa de análise acerca do sertão, seja através de uma visão antropológica ou geográfica, contemplando, portanto diversos aspectos de um espaço amplamente e historicamente estudado. *Seara Vermelha* é uma obra literária, mas com características de romance histórico onde podemos encontrar formas de representação do sertão, merecedora de futuras pesquisas e que contemple outros aspectos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE Junior, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**; prefácio de Margareth Rago. - 2. Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

AMADO, Janaína. **Região, Sertão, Nação**. In: Estudos históricos. V. 8, nº 15. Rio de Janeiro, 1995.

AMADO, Jorge. **Seara Vermelha**; posfácio de Nelson Pereira dos Santos. - São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre história e memória**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

BARROS, José D'Assunção. **História e Literatura: novas relações para os novos tempos**. Revista de Artes e Humanidades, Nº 6. Rio de Janeiro, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados: escritos de história e política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

_____. **Fome: um tema proibido- últimos escritos de Josué de Castro**/ Ana Maria de Castro (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHIAPPINI, Lúcia. **História e Região. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura**. Vol.8, Nº 15, (1995). Revista de Estudos Históricos.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: campanha de Canudos**.— 39ª Ed.— Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora; Brasil: 1997.

DÓRIA, Carlos Alberto. **O cangaço**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Rio de Janeiro: Record; Natal, RN: UFRN, 1996.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos: gêneses e lutas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

FREDERICO, Pernambucano de. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**; prefácio de Gilberto Freyre; coordenação Estúdio Sabiá, - São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

GARCIA, Carlos. **O que é Nordeste brasileiro?**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOBSBAWM, J. E. **Rebeldes Primitivos: Estudos sobre Formas Arcaicas de Movimentos Sociais nos Séculos XIX e XX**. Tradução: Nice Rissone. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **O coronelismo: uma política de compromissos**, 5ª Ed.[1ª Ed. 1981], São Paulo, Brasiliense, 1986 (Coleção “Tudo é História”, 18).

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo: Editora Alfa- Ômega, 1978.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy, orgs. **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Unicamp, 1998.

LINS, Wilson et al. **Coronéis e oligarquias**. Salvador, Universidade Federal da Bahia/Ianamá, 1998.

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses**. São Paulo, Editora Ática (Série Princípios). 1986.

MURITIBA, Itamar Reis et al. **O coronelismo na Chapada Diamantina e Piemonte (1880-1930)**, FFPJ/UNEB, 1ª edição. Jacobina, 1997.

PANG, Eul-Soo. **Coronelismo e oligarquias (1889-1934): a Bahia na Primeira República brasileira**. Trad. Vera Teixeira Soares. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de “**O coronelismo numa interpretação sociológica**”, in Fausto Boris (dir.), História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano. T. III, vol. 1, PP. 158-187. São Paulo, Difel, 1975.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**.- São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **Os partidos políticos da Bahia na Primeira república: uma política de acomodação**. Salvador. Centro editorial e Didático da UFBA, 1998. (Estudos Baianos).

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.